

O Paraguai está se movendo

A ditadura sanguinária do general Alfredo Stroessner já não reina tranquila. Manifestações de rua contra o regime começam a ocorrer. Trabalhadores entram em greve reivindicando melhorias salariais. Policiais e grupos paramilitares investem contra a população, mas já não conseguem impedir o povo de se expressar.

O governo de Stroessner e seu Partido Colorado tomaram o poder em 1954. Desde então o país tem sido o paraíso dos espoliadores, generais golpistas, anticomunistas, antigos oficiais nazistas, traficantes de tóxicos e contrabandistas. Para garantir seu domínio sobre a nação, o general levou aos cárceres 360 mil pessoas - o país tem 3 milhões de habitantes.

Mas neste ano manifestações de massas voltaram a ocorrer no país. Estudantes e funcionários do Hospital das Clínicas de Assunção, a capital, realizaram greves, duramente reprimidas pela polícia. Os órgãos de imprensa abrem seus espaços para críticas ao autoritarismo governamental. No dia do trabalhador e em 4 de maio - aniversário do governo - atos oposicionistas ocorreram na capital. Para o dia 14 novo ato estava sendo convocado pelos partidos oposicionistas e entidades populares.

AÇÃO PARAMILITAR

Ainda no dia 1º de Maio, enquanto trabalhadores enfrentavam soldados armados nas ruas de Assunção, uma empresa estatal fazia publicar nos principais jornais do país anúncio afirmando: "Nossos trabalhadores gozam da paz que é obra do patriotismo do Presidente Stroessner". No seu discurso "Dia do Trabalhador" o socialista revidava: "Poderão nos garrotear, pode-

rão nos encarcerar e até poderão nos matar para impedir que nos organizemos, porém devemos seguir adiante, companheiros, porque temos como aliado inquestionável o vento da história que sopra a nosso favor".

Para enfrentar a população do país e perpetuar seu domínio sobre a nação, Stroessner apela não só para as Forças Armadas mas também para grupos paramilitares. Um desses grupos invadiu e destruiu equipamentos da rádio Nanduti em fins de abril e, novamente, em 2 de maio - a rádio tem noticiado as lutas populares. A rádio Cháita, ligada a um dos partidos políticos oposicionistas, está recebendo freqüentes telefonemas ameaçando seus trabalhadores e suas instalações.

Um estudante de Direito, Rodolfo Anibal Gonzáles Rojas, ativista do Centro Acadêmico de sua escola, foi encontrado morto dentro de um carro destruído. O governo divulgou a sua morte "por acidente", mas a autópsia revelou marcas de tortura e identificou uma bala no crânio do rapaz. Assembléias de estudantes e funcionários do Hospital das Clínicas, em greve, foram atacadas por elementnos armados, portando bandeiras do Partido Colorado (no poder) e gritando vivas ao governo. A Junta de Governo, diante desses episódios, optou por vociferar que "um movimento subversivo, orquestrado desde



As manifestações populares contra Stroessner são a cada dia maiores; o ditador responde com a repressão

os centros do poder comunista, pretende desestabilizar o governo colorado do presidente Stroessner".

MUDANÇAS CONJUNTURAIS

Analisando a nova situação que se cria no país, um jornal oposicionista escreveu: "As ruas de Assunção, até há pouco repletas somente de propaganda oficial, agora se vão enchendo de frases que toda uma geração de paraguaios jamais escutou no país. 'Vai acabar, vai acabar, a ditadura militar', 'A polícia restam dois caminhos: unir-se ao povo ou ser seu assassino' e outras consignas que nomeiam diretamente Stroessner. Pela primeira vez, nos últimos 32 anos, o



próprio Partido Colorado não tem unidade em torno da manutenção da ditadura e muitos pedem a redemocratização do país. A Igreja Católica, inclusive sua alta hierarquia, desistiu de apoiar o ditador e inclusive passaram a fustigá-lo. Diante desse quadro, até os países imperialistas ensaiam

alternativas ao governo colorado. Fala-se que a Alemanha Ocidental convidou Stroessner para férias em seu país para convencê-lo a se afastar da cena política. E o embaixador norte-americano, Taylor, tem sido visto encontrando-se com lideranças oposicionistas com estranha freqüência.

"Eu vi o poder operário na Albânia"

O vice-presidente da CGT para a região Nordeste e presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, Renildo Souza, fez uma visita de 15 dias à Albânia a convite das Uniãoes Profissionais. Renildo, que representou a CGT nas comemorações do 1º de Maio na Albânia, inicia neste número uma série de artigos para a *Tribuna Operária* nos quais transmite suas impressões sobre aquele país.

Cheguei na Albânia no dia 23 de abril e visitei, além de Tirana, várias cidades e várias regiões do país. Na capital, Tirana, eu fui ao Museu Econômico da República Albanesa e pude constatar o grande avanço da sociedade no campo do desenvolvimento econômico, um avanço que se dá em praticamente todos os terrenos.

Na produção e exploração do petróleo, da petroquímica, da metalurgia, metal-mecânica, fabricação de tratores, máquinas e equipamentos para a indústria, madeira, sapatos, vestuário, medicamento, gráfica e em vários outros setores observa-se um grande desenvolvimento. Os índices de crescimento são realmente muito grandes, impressionantes e constituem vitórias importantes para o sistema socialista.

HISTÓRIA DE LUTAS

Estive também no Museu Nacional, onde é contada a história do país desde os tempos mais remotos, antes de nossa era, com os primeiros grupos ilírios, de onde descende o

povo albanês. No Museu Nacional toda a trajetória de um povo antigo na marcha da civilização é mostrada. As ocupações do país pelos gregos, pelos turcos e a conquista da independência em 1912.

A resistência popular à ocupação e a luta pela independência que tem no herói nacional albanês Skanderbeu um dos maiores símbolos, marcam toda a história da Albânia. Fica muito evidente a grande unidade que o povo albanês conseguiu manter durante todos esses períodos. A sua nacionalidade, suas tradições culturais foram asseguradas através de muita luta durante os séculos.

Transparecem também as grandes dificuldades enfrentadas, em especial no período da ocupação fascista. Durante a Segunda Guerra Mundial, a Albânia foi invadida pelos italianos e pelos nazistas alemães. Os ocupantes foram definitivamente expulsos em 1944 por meio da guerra de libertação nacional, que salvou o país e instalou o poder popular.

Tudo isto, através de diversos documentos, é exposto no Museu Nacional.

PODER OPERÁRIO

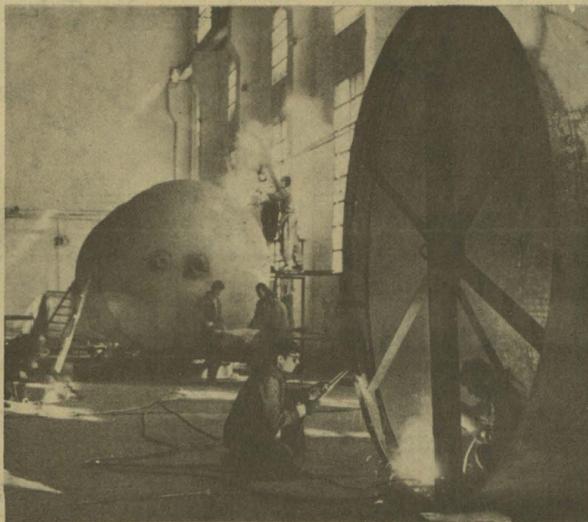
Depois disto, visitei algumas regiões do interior da Albânia. Primeiro estive em Berat, onde conheci o complexo têxtil da cidade. Uma grande empresa, com 7 mil operários, a grande

maioria constituída de mulheres. A dimensão do empreendimento fica mais patente quando se leva em conta o diminuto tamanho da Albânia e a sua população de aproximadamente 3 milhões de pessoas.

Alí dá para se ter uma idéia do grande desenvolvimento econômico do país sob o socia-

lismo. Mas sobretudo o que salta aos olhos é que, de fato, a classe operária é quem detém o poder na Albânia. O trabalhador é o dirigente da economia albanesa. É o dirigente de toda a indústria, de toda a sociedade, tem sua vida com segurança, sua habitação garantida, seus filhos estão na escola, a alimentação é assegurada em quantidade e qualidade, uma alimentação rica. O salário é razoável, o emprego garantido - absolutamente não há ameaça de desemprego para o trabalhador. A saúde, gratuita, é também preservada e garantida em todos os níveis.

Lá o trabalhador não sofre a pressão no trabalho de capatazes, encarregados e chefes como no sistema capitalista. O operário sente-se à vontade no trabalho, não tem problema de fadiga, crises de acidente de trabalho nem a saúde deteriorada por condições insalubres nas empresas. Trabalha-se, portanto, com muita satisfação, sem pressões e preocupação. Isto eu pude constatar conversando com os operários e observando diretamente, vendo o trabalho dos operários em diversos setores da produção nas empresas que visitei. É isto que vou narrar com maiores detalhes nos próximos artigos desta série.



"Os trabalhadores se sentem e são os dirigentes da economia"

Brasil vende armas para a ditadura de Pinochet

O governo brasileiro está vendendo armas para a ditadura do general Augusto Pinochet, no Chile. Em março último, durante a 4ª Feira Nacional de Defesa e Aero-Espaço, realizada em Santiago,

o sanguinário ditador interessou-se pelos armamentos fabricados no Brasil. E acionou o presidente da fábrica brasileira Engesa, José Luiz Whitaker Ribeiro, para entabular negociações. Na verdade, uma reto-

mada do tráfico bélico, já que a venda de armas ao ditador chileno havia sido ameaçada, segundo o que anunciou o governo brasileiro, devido a uma sanção da Comissão de Direitos Humanos da ONU, dias antes, condenando a violência de Pinochet.

Agora militares chilenos estão testando o tanque pesado EE-T 1, fabricado pela Engesa; o lançador múltiplo de foguetes Astros-2, fabricado pela Avibrás; e o avião de guerra Tucano, fabricado pela Embraer. As Forças Armadas comandadas por Pinochet querem verificar se essas máquinas são boas para reprimir o povo chileno, que lança-se cada vez com mais ardor à luta contra a ditadura militar. Os negócios envolvem 1 bilhão de dólares. E envolvem também uma negação da Nova República às suas promessas eleitorais, antes de assumir o poder.

Como se sabe, o regime militar que imperava no Brasil era aliado íntimo da ditadura de Pinochet. Logo que o general deu o golpe contra o presidente Salvador Allende, não faltaram assessores brasileiros para ajudar na repressão aos democratas daquele país. Há testemunhos de torturadores oriundos do Brasil seveiciando presos políticos chilenos.

Em 17 de janeiro de 1985, em sua primeira entrevista coletiva como presidente eleito do Brasil Tancredo Neves foi questionado sobre o engajamento da Nova República na luta pela democracia no Cone Sul. E Tancredo respondeu: "Onde temos realmente problemas é no Chile, e a posição do governo brasileiro e de toda a consciência nacional é de apoio intransigente às forças democráticas que lutam neste país pela restauração das instituições livres".

Tancredo morreu, mas a Nova República instaurou-se. A posição de toda a consciência nacional continua sendo de apoio intransigente às forças democráticas que lutam no Chile. A posição dos fabricantes de armamentos é a da busca do lucro, e desde que o negócio seja atraente, não importa que as armas vendidas estejam apontadas contra as forças democráticas chilenas. E a Nova República? Será conivente com isto?

CARAVANA

Está prevista a viagem de uma caravana de parlamentares brasileiros ao Chile em solidariedade à luta da oposição pela democracia naquele país. Os componentes da caravana pretendem inclusive encontrar-se com o general Pinochet para expor os pontos de vista dos democratas brasileiros sobre a situação política chilena.

"Dama de ferro" amarga grande revés eleitoral

O Partido Conservador, da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, sofreu no último dia 8 o maior revés eleitoral desde que a "dama de ferro" subiu ao poder em 1979: os conservadores perderam 731 cadeiras nas cidades do interior e 270 nos bairros de Londres, durante as eleições para renovação dos Conselhos de Administração Municipais, além de uma das duas cadeiras em jogo no Parlamento. Essa eleições locais - que são consideradas como um teste para as eleições gerais de 1988 - tiveram como grande vencedor o Partido Trabalhista.

Segundo observadores, o resultado dessas eleições é uma demonstração segura da impopularidade do governo conservador, que com sua política econômica vem criando uma profunda divisão entre os setores mais ricos e mais pobres da população, além de ter lançado ao desemprego cerca de 14% dos trabalhadores. A permissão para a utilização das bases inglesas durante o ataque norte-americano à Líbia está sendo considerada como outro dos principais motivos de descontentamento da população com a dama conservadora.

Aliados capitalistas protegeram os nazistas

Logo após o término da II Guerra Mundial, em 1945, os serviços secretos dos EUA, França, Grã-Bretanha, Canadá, Itália, Áustria e altos funcionários do Vaticano ajudaram milhares de nazistas a fugir da Europa, sob o compromisso de que passariam a trabalhar em uma organização anticomunista internacional, a *Intermarium*. A afirmação foi feita no último dia 12 pelo advogado norte-americano John Loftus, que trabalhou no departamento de justiça e há sete anos investiga a ajuda oficial dos EUA aos nazistas.

Segundo Loftus, os documentos do serviço de espionagem da época, que por força de lei deixaram de ser secretos em dezembro do ano passado, mostram que milhares de colaboradores nazistas, entre os quais centenas de criminosos de guerra foram retirados da Europa e enviados aos EUA, Austrália e Canadá. Dos cerca de 10.000 nazistas que foram enviados para os EUA, aproximadamente 6.500 ainda vivem no país.

A divulgação desse episódio, afirma Loftus, transforma em "uma brincadeira" os esforços feitos por alguns grupos judeus para caçar criminosos de guerra nazistas.

Propaganda militarista nos EUA lembra Hitler

A febre militarista que invade a política e a cultura norte-americana está distorcendo as estratégias internas e exteriores dos EUA e gerando sérias preocupações pelo seu futuro como "sociedade estável, produtiva, aberta e democrática", segundo conclusão de Centro para a Informação da Defesa (CID), em um estudo divulgado dia 10 em Washington.

No plano governamental, afirma o CID, a febre militarista faz com que os EUA "continuem investindo gigantescas somas de dinheiro em programas militares, enquanto diminuem os orçamentos dedicados aos programas sociais. Nos últimos anos - constata o estudo - temos sido testemunhas de uma crescente glorificação das Forças Armadas e de um fascínio cada vez maior dos norte-americanos pela guerra e pelas armas".

O estudo adverte também para as consequências dos filmes de Sylvester Stallone sobre a conduta dos norte-americanos. "Rambo", "Rock IV", "Invasão, EUA" - que "conclama os EUA a impor sua vontade e a estabelecer a ordem mundial através da força" - além de colocar em moda "a linguagem, os equipamentos e as vestimentas militares", estão incentivando a produção e venda de "brinquedos bélicos". O Exército, por outro lado, utiliza-se da "rambomania" para atrair os jovens às suas filas.

Imperialismo yanque ameaça atacar a Síria

A cadeia norte-americana de TV CBS foi a primeira a anunciar o ataque de Israel ao território sírio, no último dia 8, citando fontes de Washington e dos serviços secretos europeus. A agressão israelense não ocorreu ainda, mas aumentam as especulações sobre um ataque conjunto dos EUA a alvos sírios, semelhante ao que foi feito contra a Líbia, sob o mesmo pretexto: "provas" do envolvimento da Síria em atentados terroristas.

Enquanto a Síria reforça suas posições na fronteira com o Líbano e em Golan (território sírio ocupado por Israel desde 1967), na ONU, o embaixador libio Ali Triki reiterou a denúncia: "Os EUA e Israel estão preparando a ofensiva pública para uma agressão contra a Síria".



"Osório", o mais novo tanque da Engesa, contra o povo chileno

Quem matou padre Josimo

Para o povo pobre do Bico do Papagaio, uma organização de fazendeiros está envolvida no crime que abateu o coordenador da CPT na região

Tudo indica um trabalho profissional: o padre Josimo Tavares, 33 anos, subia os degraus da Residência Episcopal de Imperatriz quando foi alvejado, pelas costas, com tiros de pistola 7.65. O povo do extremo norte de Goiás, onde Josimo coordenava a CPT, não tem dúvidas; o crime é coisa do latifúndio, organizado na "União Democrática Ruralista", a UDR.

No dia do assassinato, 10 de maio, na mesma cidade de Imperatriz, no Maranhão, a UDR realizava uma reunião com 150 fazendeiros. E recebia deles 300 cabeças de gado, para um leilão de arrecadação de fundos - um dinheiro que, segundo confissões de fazendeiros, destina-se a comprar armas e custear campanhas eleitorais contra a reforma agrária.

Foi "uma estúpida coincidência", declarou o vice-presidente da UDR, Salvador Farina, referindo-se aos acontecimentos do dia 10. "Mas - agregou logo - não podemos esquecer o ensinamento de que quem semeia ventos colhe tempestades". É como um aviso aos que lutam pela reforma agrária.

Josimo Moraes Tavares nasceu nesta mesma região, em Marabá. Ordenado padre, logo voltou para a área, que concentra os maiores conflitos pela terra no país. Serviu durante mais de três anos como pároco em Vanderlândia e, mais tarde, em São Sebastião do Tocantins. Sua vida se mistura com a do povo pobre do Bico do Papagaio, no extremo norte de Goiás.

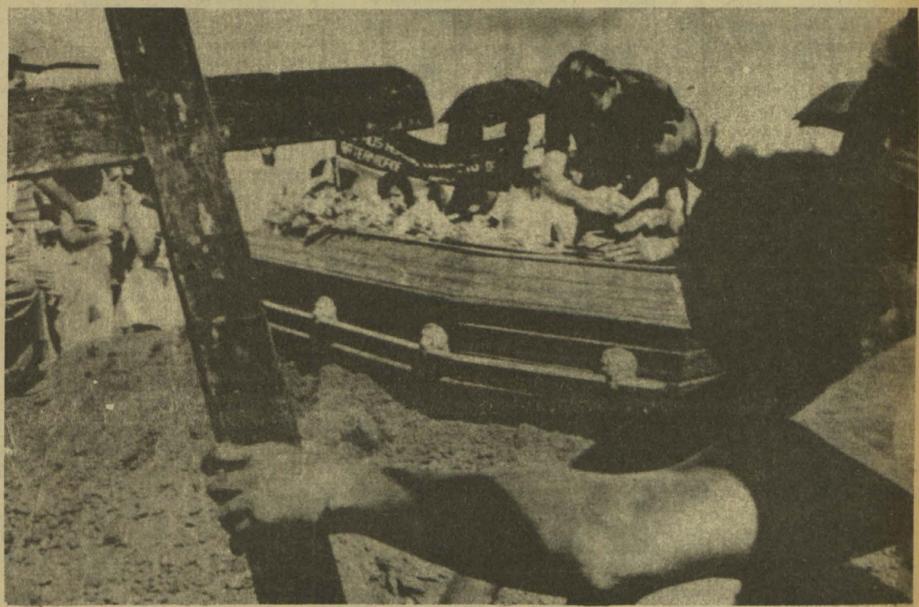
Ele dedicou-a - e sacrificou-a - na luta por este povo. Na luta, convenceu-se de que as transformações necessárias ao país não viriam por si. Tornou-se um trabalhador incansável, revolucionário, por uma reforma agrária que extirpasse a chaga social do latifúndio.

Palmas para o vereador que um atentado deixou paralisado e o bispo que clama contra o medo

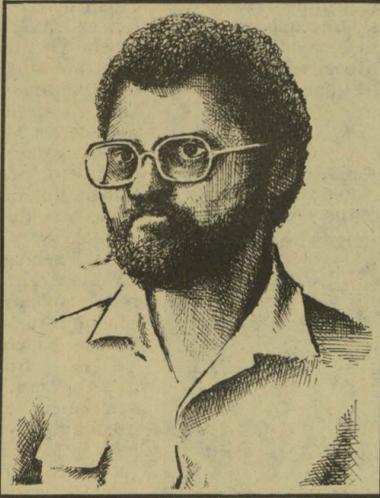
Por isso milhares de pessoas, vindas do sertão e das periferias, compareceram à cidade de Tocantinópolis, onde o jovem sacerdote foi velado e sepultado, segunda-feira dia 12. A igreja de Tocantinópolis ficou constantemente lotada com caravanas de toda a região. O povo desta terra sem leis clamava por justiça, fazia juras de continuidade da luta e confiança de que os trabalhadores haverão de ser os vencedores ao final.

No enterro, além das delegações de todas as áreas de conflito do Bico do Papagaio, compareceram autoridades do governo e da Igreja. Um dos mais aplaudidos foi o bispo dom Pedro Casaldáglia, de Barra do Garças: "Ao enterrar Josimo, não se enterra a luta", afirmou dom Pedro; e mais adiante: "A Igreja precisa tomar posições mais claras, deixando de lado as meias palavras; a Igreja tem medo, e não pode ter, de se sujar de sangue; Jesus Cristo não o teve, para servir seus irmãos".

Outro orador calorosamente saudado foi Edmundo Galdino, jovem vereador de Araguaína, na mesma região, vítima de outro atentado promovido pelo latifúndio, no ano



Caravanas de toda a região compareceram ao enterro do sacerdote assassinado pelas costas



Haroldo: crítica a Brossard

PC do B critica omissão

O assassinato do padre Josimo teve forte repercussão no Congresso Nacional, onde diversos parlamentares se pronunciaram repudiando o crime. Um dos discursos mais incisivos foi o do deputado Haroldo Lima, em comunicado da liderança do PC do B.

"A morte do padre Josimo Tavares, assassinado pelo latifúndio - assinala o deputado -, obriga-nos a fazer graves considerações. Foi uma morte anunciada com razoável antecedência e até pedido de garantia de vida a diversas autoridades. Várias lideranças, inclusive a liderança do PC do B, denunciaram reiteradas vezes que a 'União Democrática Ruralista' estava se armando abertamente em diversos Estados do país, como Goiás, Minas Gerais e Pará. Neste contexto foi nomeado um novo presidente do Inca que é contrário à reforma agrária e que diz abertamente que o latifúndio não está se armando no Brasil!"

"DAS DUAS, UMA"

"A morte do padre Josimo Tavares - prossegue Haroldo Lima - comprova o quadro calamitoso hoje existente no campo brasileiro. Guarda relação com vacilação e omissão com que as autoridades da Nova República estão se comportando frente a questão da reforma agrária no Brasil. Temos a impressão de que a atitude governamental, de recuos reiterados e sistemáticos frente à questão da reforma agrária, tem alimentado a esperança dos latifundiários de que, com atitudes ousadas e violentas, poderão fazer recuar a Nova República, como de fato estão fazendo.

"Depois que todas essas coisas aconteceram o ministro da Justiça, Paulo Brossard, afirmou: 'Se a Polícia Federal for chamada a intervir, o material humano de que dispomos é absolutamente insuficiente e incapaz de evitar essas ocorrências'. Acrescentou: 'O que vou fazer? Intervir no Maranhão?'. Estamos acostumados a observar neste país, há muitos anos, que nenhum ministro da Justiça do Estado Brasileiro tem dúvidas sobre o que fazer para reprimir os posseiros que lutam pela terra. Agora que se trata de punir os latifundiários quando assassinam posseiros, o ministro da Justiça da Nova República vem dizer publicamente que não sabe o que fazer e, assim, está no lugar errado e deveria até afastar-se do Ministério da Justiça, ou então deve romper com a vacilação dessa omissão clamorosa que está pautando os atos das autoridades da Nova República. Deve definitivamente tomar medidas para coibir esses assassinatos. A UDR está se armando abertamente, perante os olhos de todas as autoridades, que não tomam a menor iniciativa contra tal atitude, verdadeira ousadia e afronta à nacionalidade brasileira", conclui Haroldo Lima.

O coronel da PM ainda joga a culpa sobre o morto, que "se meteu em muitas enrascadas"!

A insegurança aumenta diante das suspeitas de que a apuração do crime vai ficar pela metade, tal como aconteceu com os 17 assassinatos de trabalhadores rurais ocorridos no Estado durante o ano passado. O Ministério da Justiça lava as mãos, atribuindo toda responsabilidade às autoridades estaduais. Por sua vez, o comandante da Polícia Militar de Goiás, coronel Álvaro Alves Júnior, esquiva-se dizendo que o crime aconteceu em território maranhense e, com hipocrisia, ainda joga a culpa sobre a vítima, ao afirmar que o padre Josimo "se meteu em muitas enrascadas com grupos de fazendeiros poderosos".

(Delcímar Pires e Virgílio Alencar, enviados especiais)

Telegramas de protesto

O presidente nacional do PC do B, João Amazonas, enviou telegrama ao ministro da Justiça, Paulo Brossard, afirmando que "o assassinato do padre Josimo Tavares por pistoleiros a serviço de latifundiários reclama medidas urgentes e eficazes do governo, visando

punir exemplarmente os mandantes e executantes de crime tão monstruoso". Amazonas agrega ainda: "Protestamos junto a vossa excelência pela falta de segurança no campo, que estimula ações terroristas de grileiros e latifundiários".

O presidente do PC do B dirigiu também um telegrama ao ministro da Reforma Agrária, Nelson Ribeiro, afirmando: "Condenamos veementemente o assassinato do padre Josimo Moraes Tavares, que lutava pela reforma agrária. Esperamos uma firme atitude de vossa excelência contra o

terror latifundiário no campo. É injustificável a ausência de medidas do governo face às declarações públicas de latifundiários sobre a compra de armamentos destinados a massa-



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



A PM é mais usada para combater as greves do que o crime

Proposta sobre a extinção das PMs causa polêmica

Bem antes da Constituinte assumir seus trabalhos, alguns assuntos já causam polêmica. Um dos que têm maior repercussão é a reformulação da Polícia Militar. A Comissão Provisória de Estudos Constitucionais aprovou no dia 6 a redução dos poderes das PMs. Imediatamente se desencadearam pressões contra esta proposta, alegando que esta questão "não deveria ser colocada em discussão".

A Comissão Provisória de Estudos Constitucionais foi criada pelo presidente José Sarney, com representantes de vários setores da sociedade, com o objetivo de preparar um anteprojeto de Constituição, como "subsídio ao Congresso Constituinte". Alguns assuntos abordados por esta comissão estão gerando grande polêmica, prevendo-se desde já uma acirrada polêmica que se travará durante os trabalhos constituintes.

O assunto que mais feriu as suscetibilidades castrenses foi o referente ao capítulo "Defesa do Estado, da Sociedade Civil e das Instituições Democráticas". Neste ponto se abordavam questões como a reformulação das PMs, serviço militar obrigatório e estado de sítio, entre outros.

A proposta do consultor-geral da República, José Paulo Ramos, foi de extinguir as Polícias Militares, passando a vigilância ostensiva a ser feita pela polícia civil. Imediatamente os oficiais e entidades ligadas à PM pressionaram alegando que "democracia é construir e não destruir". Com isso tiveram uma vitória parcial, pois foi aprovada uma sugestão conciliadora, que transfere o policiamento ostensivo para a polícia civil, mas conserva as PMs como tropas de choque e corpo de bombeiros.

OFICIAIS PROTESTAM

O descontentamento entre a oficialidade da PM saiu de dentro dos quartéis através de manifestos publicados em diversos jornais. Estão marcadas reuniões em vários Estados para analisar este assunto. O comandante da Polícia Militar de São Paulo, coronel Theseo de Toledo, criticou a medida alegando que "a Polícia Militar está nas ruas prevenindo a criminali-

dade".

O deputado Benedito Cintra, líder do PC do B na Assembléia Legislativa de São Paulo e membro da Comissão de Segurança Pública rebate as afirmações do coronel Theseo: "A PM não é sinônimo de segurança para a população. Nas atuais circunstâncias, as PMs funcionam como milícias do Exército. Sua estrutura e seu comando são orientados pelo Exército, através da Inspetoria Geral das Polícias Militares (IGPM)". Ele afirma que a Polícia Militar está muito mais voltada para reprimir greves e movimentos sociais e não consegue dar proteção à população e ao patrimônio.

MUDANÇAS NECESSÁRIAS

Estas propostas aprovadas pela Comissão Provisória de Estudos Constitucionais são positivas no entender do deputado Benedito Cintra. Para ele "é justo e correto que se reivindique, senão a extinção das atuais Polícias Militares, pelo menos uma profunda reformulação da política que as orienta visando desmilitarizá-la, desaquartelá-la e dotá-la de uma estrutura mais democrática, o que pressupõe que a população tenha alguma forma de interferir nela".

As polícias militares foram centralizadas nas mãos das Forças Armadas a partir do AI-5 em 1968, visando a combater os movimentos armados daquela época e os movimentos de massa. Neste período as PMs foram dotadas de armamentos sofisticados sem que a sociedade se beneficiasse de mais segurança. Benedito Cintra frisa que para elevar o nível de segurança pública das grandes metrópoles basta que haja uma polícia desmilitarizada e que atue numa maior integração com a população através de suas entidades.

Será votado projeto de voto aos 16 anos

Será votado no próximo dia 21 o projeto de emenda constitucional que estabelece o direito de voto aos brasileiros maiores de 16 anos, apresentado pelo deputado Hermes Zaneti, do PMDB-RS. É uma iniciativa positiva na busca de um direito político legítimo dos jovens.

Os jovens nesta faixa de idade formam um contingente de cerca de 10 milhões, sendo que 50% integram a população economicamente ativa do país. Não há dúvidas de que sofrem muito com a atual crise econômica do país. No período de recessão econômica e mesmo agora o patronato ameaça com desemprego e realiza demissões. E é a juventude que ocupa as primeiras listas dos que são jogados no olho da rua.

RESPONSABILIDADE

São bastante conhecidos os exemplos de jovens que quando não são responsáveis pela totalidade dos gastos com a manutenção de suas famílias, respondem por parte significativa do orçamento familiar.

Na opinião do deputado Zaneti a aprovação do seu projeto colocará o país em conformidade com o "avanco tecnoló-

gico dos meios de comunicação social, a massificação do ensino e a crescente urbanização, que permitem e aceleram a conscientização da juventude". Cabe acentuar ainda que grande parte dos que engrossaram a campanha das diretas e lutaram pelo fim do regime militar são jovens de 16 a 18 anos de idade.

Por todas essas razões, o direito do voto a partir dos 16 anos responde, nas condições atuais, a uma exigência democrática elementar de justiça. A União da Juventude Socialista (UJS), desde sua fundação, em setembro de 1984, levanta a luta pelo voto aos 16 anos. No momento o projeto do deputado Zaneti conta com o apoio das bancadas do PMDB, PC do B, PT, PCB, PDT e parcelas do PFL e PDS. No meio democrático e popular, é defendido por diversas entidades, como a UNE, a CGT, a Conam e a Contag.

Conta ainda com o importante apoio da Comissão de Estudos Constitucionais. O jovem quer participar em todos os níveis da vida nacional e isto implica no exercício do voto. (Apolinário Rebelo - coordenador geral da UJS)

Crise no PDT leva Brizola a desistir de candidatura

A sucessão no Rio de Janeiro se definiu um pouco mais, dia 15, com o fim do prazo para desincompatibilizações ou trocas de partidos pelos candidatos. A decisão de Leonel Brizola, de continuar no cargo de governador, revela as dificuldades do PDT. Porém dentro do PMDB a candidatura Nelson Carneiro ainda não superou a fase da luta para unificar a legenda.

Foram fundamentalmente dois fatores que levaram o governador Leonel Brizola a continuar em seu posto, ao invés de candidatar-se nestas eleições: o desgaste administrativo de seu governo (agravado por episódios recentes como o aumento do Imposto Predial na capital do Estado, apesar do congelamento dos preços, e a epidemia de dengue que revelou a precariedade do sistema sanitário); e a oposição de

Brizola ao Plano Cruzado. Numa mudança de tática, para sair da defensiva, Brizola decidiu polarizar direta e nominalmente sua posição em relação ao presidente Sarney, usando como bandeira a existência de um suposto "cerco econômico" do governo federal contra sua administração. Para tentar explorar essa linha, não se desincompatibilizou do cargo; mas já anunciou que no final do mandato se

transfere para São Paulo, a fim de tornar esta capital o "centro político" do PDT.

O PDT, SEM CARTUCHOS

Ressentindo-se com esses tropeços, o PDT fluminense entrou em crise. O deputado federal José Colagrossi, que postulava contra a vontade de Brizola a candidatura ao governo pelo PDT, saiu do partido e se filiou ao PMDB, dia 14. Junto com ele seguiram os deputados estaduais Gutemberg Chaves e Lucy Martins, o vereador Nestor Rocha e cerca de 400 dirigentes de diretórios. Por sua vez, cerca de dez deputados estaduais do PDT já anunciaram que, se Darcy Ribeiro for confirmado como candidato a governador, farão campanha pelo "voto camarão", sem apoiar Darcy.

De fato, a candidatura do atual vice-governador encontra dificuldades. Brizola forçou o lançamento de Darcy por ter queimado o cartucho Saturnino Braga na disputa pela prefeitura carioca, no ano passado. Mas sente dificuldades crescentes, tanto que, na última semana, convidou Wellington Moreira Franco, do PMDB, que não aceitou,

para ser candidato a governador pelo PDT. Segundo a imprensa carioca, este convite foi formulado numa reunião entre Brizola e o sogro de Moreira (Amaral Peixoto, presidente do PDS), realizada na quarta-feira dia 7 de maio.

INDEFINIÇÕES NO PMDB

No PMDB, as dificuldades correm por conta da disputa interna entre as candidaturas de Nelson Carneiro e Moreira Franco. O nome de Nelson Carneiro é o único que tem condições de unir o partido e reunir uma ampla coligação para enfrentar o PDT; mas Moreira Franco mantém influência junto a setores ponderáveis do PMDB no interior - o que pesa muito, já que o interior tem dois terços dos delegados à Convenção Regional do partido, que tomará a decisão definitiva sobre as candidaturas.

Enquanto as coisas não se definem no PMDB, os demais partidos interessados numa ampla coligação capaz de derrotar o PDT ficam em compasso de espera. Dentro do PFL, um setor minoritário tenta forçar o lançamento de um candidato próprio ao governo fluminense. Face às dificuldades vividas pelo PMDB, o Diretório Nacional petista de Niterói lançou a candidatura do presidente regional do partido, Sérgio Quintella, ao governo. O PC do B tem reiterado seu interesse em viabilizar a coligação em torno do PMDB. O Partido Liberal, de Álvaro Valle, também. Porém quanto mais o PMDB demora em se decidir, mais obstáculos vão surgindo para se formar uma coligação deste tipo. O Passart, que já havia fechado com o nome de Nelson Carneiro, agora acena com a candidatura de Aarão Steinbruch. (da sucursal)



Javier Alfaya, candidato do PC do B, comprometeu-se com as lutas da juventude

Campanha de Javier nasce forte na Bahia

O ex-presidente da União Nacional dos Estudantes e o universitário que o ex-ministro Ibrahim Abi-Ackel quis expulsar do país, Javier Alfaya, teve uma alegre e entusiasmada festa no dia 10 de maio, quando foi lançada a sua candidatura a deputado estadual pela legenda do Partido Comunista do Brasil, PC do B, na Bahia.

A festa reuniu mais de 400 pessoas, entre lideranças políticas, como o candidato ao governo, Waldir Pires; o prefeito de Salvador, Mário Kertesz; e o líder do PC do B na Câmara Federal, Haroldo Lima. Começou pela manhã e terminou à tarde, na Faculdade de Arquitetura da UFBA. Foi o maior lançamento de candidato à Assembleia Legislativa ocorrido até o momento em Salvador.

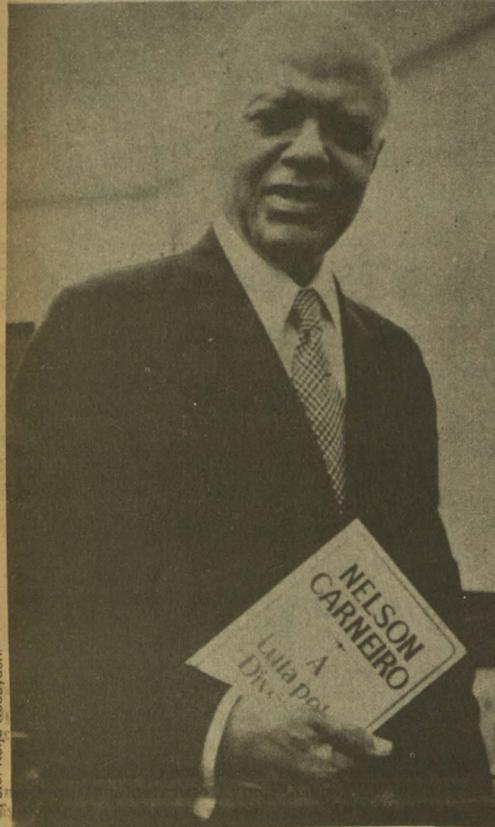
"Pessoalmente considero uma grande vitória do PC do B o lançamento de minha candidatura, pois mobilizamos mais de 200 pessoas que não são do partido e isso entusiasma não só a mim, mas a todos os presentes". Também na imprensa falada, escrita e televisada houve uma boa repercussão, tendo Javier participado de uma reportagem especial na TV Globo sobre os candidatos saídos da universidade, onde foi o principal entrevistado.

Animada e apresentada pelo poeta Joelson Meira, a manifestação foi intercalada com pronunciamentos, música e dança. Javier foi saudado pela atual candidata à presidência da

UNE, Gisélia Mendonça; o representante dos funcionários da UFBA, Orlando; a líder do PC do B na Câmara de Salvador, Lídice da Mata, e o representante da bancada do PMDB na Câmara Municipal, Ednaldo Santos. O ex-ministro da Previdência, Waldir Pires, destacou o exemplo de juventude e a luta de Javier Alfaya.

A apresentação de música ficou com o grupo de samba Realce, Rosa Negra, e grupos de dança de Emma Alfaya (irmã do candidato), Maurício Marques, Jorge Watusi e Cafuné.

Javier garantiu que sua candidatura terá um programa abrangente, com as bandeiras do PC do B, como a reforma agrária antilatifundiária, Constituinte democrática e progressista, suspensão do pagamento da dívida externa, e questões regionais, além de abordar em detalhe a questão da educação universitária e de 1º e 2º graus, agregando as reivindicações estudantis e da juventude. Os três comitês de apoio a Javier em Salvador, instalados em Subúrbio, Periperi e Itapagipe, atuarão agora com força redobrada para garantir a eleição do candidato do PC do B. (da sucursal)



Nelson Carneiro (acima) é considerado o nome capaz de vencer Brizola no Rio



Foto: Ricardo Chaves

Burity reforça PMDB paraibano

Com a filiação ao PMDB do ex-governador e deputado federal pelo PTB Tarcísio Burity, começa a se desanuviar o complicado quadro da sucessão paraibana. Até o momento estavam colocadas as candidaturas do senador Humberto Lucena, pelo PMDB, Tarcísio Burity, pelo PTB, e do vice-governador José Carlos da Silva Jr. pelo esquema governista (PDS-PFL)

O PTB procurava atrair setores do PDS-PFL para poder disputar a eleição. Mas com o lançamento do candidato do PDS-PFL, que aglutinou as forças conservadoras do Estado, suas chances ficaram bem remotas. E a candidatura Burity por este partido inviabilizou-se.

A aliança do ex-governador e seu esquema, ou mesmo seu ingresso no PMDB era ansiado há muito pelos democratas

paraibanos, pois só assim criam-se condições para derrotar o que há de mais reacionário na Paraíba: os grandes latifundiários e seus representantes, o esquema de violência e corrupção instalado impunemente no Estado. Afinal, toda a Paraíba só podia esperar do deputado Burity coerência com suas posições passadas quando, enfrentando resistência dentro do PDS, votou na diretiva já e ficou com Tancredo e Sarney no Colégio Eleitoral. Agora, sem

dúvida, as forças oposicionistas encontram-se mais fortalecidas. Resta agora a campanha sair à rua a partir de um programa sintonizado com as necessidades do Estado e a vontade do povo.

ATO REPRESENTATIVO

O ato de filiação de Burity, ocorrido na segunda-feira, dia 12, mesmo programado no próprio dia, contou com a presença de cerca de 300 pessoas no auditório do PMDB, com representantes do PC do B e do PL, que apoiam a candidatura peemedebista.

Na mesma ocasião, diversos políticos do Estado que se alinhavam com o deputado Tarcísio Burity também ingressaram no PMDB, inclusive o vereador de João



O ex-governador saiu do PTB

Pessoa Jovani Paulo Neto, eleito pelo PDS. Também retornaram ao PMDB os vereadores Antônio Augusto Arrouxelas e Milton Ferreira, da capital paraibana. (da sucursal)

Jânio continua espalhando a confusão

Depois de muita encenação, o prefeito Jânio Quadros, "licenciado" do PTB paulista, deu as primeiras indicações sobre o comportamento que terá nas eleições para governador de São Paulo. É fato consumado, agora, que não será candidato. Passado o prazo de desincompatibilização, até o dia 15, ele continua prefeito. Evidentemente não largou mão da demagogia e da tática diversionista.

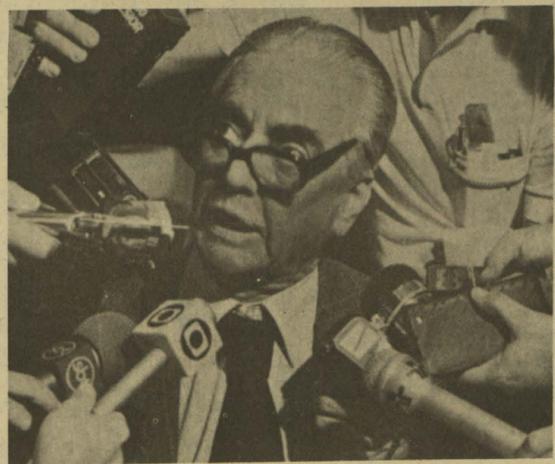
Até a semana passada, o senhor Jânio preferia não divulgar suas preferências eleitorais. Negaceia, faz de conta que pode apoiar qualquer dos candidatos, continua espalhando confusão, inclusive nas hostes democráticas. Porém, numa de suas últimas entrevistas, deixou escapar que, ao final, deverá mesmo apoiar o candidato da direita Paulo Maluf, pelo PDS, ou Antônio Ermírio - articulado pelas forças conservadoras. A tática janiista acabou pro-

vocando alguns embaraços dentro do PMDB. Embora repudiado pela maioria do partido, o canto de sereia ensaiado pelo prefeito seduziu alguns políticos peemedebistas - uns por insensatez e outros por irresistíveis atrações ideológicas.

A candidatura Orestes Quéricia, ao mesmo tempo, ainda enfrenta dificuldades para decolar definitivamente. Em resumo, afora uma certa quantidade de municípios no interior, o PMDB ainda não levou a campanha para as massas populares.

FLEXÃO TÁTICA

A mais nova no quadro sucessório paulista ficou mesmo por conta do intitulado Partido dos Trabalhadores, onde a candidatura do milionário Eduardo Matarazzo Suplicy a governador já foi definida. O PT chegou a uma admirável e original conclusão para jus-



O prefeito acena a todos, mas deve apoiar Maluf ou Ermírio

titicar seu candidato: "Trabalhador não confia em trabalhador". A palavra de ordem foi cunhada pelo secretário-geral do PT em São Paulo, José Dirceu. Infelizmente não é diferente de tudo que está aí, mas cer-

tamente indica uma apreciável mudança na tática petista - não custa lembrar que é pelo menos parecido com uma outra fraselogan usado em 1980: "Trabalhador vota em trabalhador". O mundo dá voltas...

Comunistas reúnem 2 mil no 1º comício em Cuiabá

Cerca de duas mil pessoas participaram ativamente do comício de lançamento da candidatura de Aluísio Arruda a deputado estadual pelo Partido Comunista do Brasil no bairro de Canjica, periferia de Cuiabá.

O comício foi um sucesso. Apesar de não haver transporte e dos obstáculos colocados para os comunistas, o povo compareceu em massa. Havia militantes de todas as células do partido nos bairros de Cuiabá e caravanas de cidades do interior, como Várzea Grande, Cáceres, Rondonópolis e Barra do Garças. Estiveram presentes representantes de diversas associações de bairros, uma caravana de trabalhadores da construção civil, motoristas dos transportes coletivos e também representantes do PMDB, entre os quais o vereador Antero Paes de Barros, candidato a deputado federal com o apoio do PC do B.

Apesar de ser o primeiro comício do PC do B em Mato Grosso e o primeiro da campanha, foi um bonito e vibrante espetáculo, com show de música sertaneja, faixas e bandeirinhas do Partido Comunista do Brasil que também marcaram presença na luta pelas diretas, na campanha de Tancredo Neves e na eleição de Dante de Oliveira para prefeito de Cuiabá.

As lideranças populares que usaram da palavra foram unânimes em frisar que a candidatura de Aluísio representa o anseio dos trabalhadores sofridos de Mato Grosso e principalmente dos bairros da periferia, em cujas lutas ele esteve sempre presente.

Em seu discurso, Aluísio disse que tratava-se de um comício histórico e que o PC do B não fizera outros anteriormente porque a liberdade no Brasil sempre foi roubada do povo pelos tubarões, pelos governos que viveram na sombra da mordomia às custas do suor dos operários, dos camponeses e dos trabalhadores em geral. Ele destacou que se o partido viveu na clandestinidade não foi por vontade do povo, que estava ali na praça apoiando o PC do B.

Aluísio concluiu frisando que seu mandato era para defender a classe operária, os camponeses, as associações de bairros, os sindicatos, as mulheres e todos os trabalhadores, que teriam em seu gabinete uma trincheira de luta em prol de seus interesses e ideais.

Após o ato foi comemorado o fato do partido ter conseguido 100 filiações no local do comício. (da sucursal)

João Martins, candidato do PC do B capixaba

No Espírito Santo o PC do B decidiu apoiar o candidato do PMDB ao governo e lançar João Martins candidato a deputado estadual. João Martins é diretor do Sindicato dos Bancários, e a sua candidatura foi aprovada na reunião dos comunistas por delegados representando oito municípios capixabas.

A Assembleia Legislativa, onde aconteceu o encontro, ficou lotada logo pela manhã. O presidente do PMDB, Sérgio Ceato, enviou representante ao local. O PC do B elegeu também sua nova direção regional, presidida por João Martins.

Foram discutidas questões relacionadas com a frente democrática e progressista no Espírito Santo e a

capacidade de interferência do PC do B no processo político capixaba e a situação política do país.

A reunião aprovou moção de repúdio dos comunistas à visita ao Brasil do espião da CIA, Vernon Walters. O ataque norte-americano ao povo líbio foi veementemente condenado, assim como a agressão financiada pelo governo de Ronald Reagan contra a Nicarágua Sandinista.

O PC do B no Espírito Santo solidarizou-se com os movimentos camponeses em luta contra o latifúndio e manifestou seus votos em favor da recuperação da saúde do jornalista Luzimar Nogueira Dias, hospitalizado em estado grave no Rio de Janeiro. (da sucursal)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

De onde vem a violência

"PT faz assalto em Salvador" - foi a tônica das chamadas de capa dos principais jornais do país durante várias semanas, aproveitando-se de uma ação aventureira de um grupelho provocador. "O assalto em Goiás poderia ter conotações políticas e poderia ter sido feito pelo PC do B" - disseram alguns jornais em relação a um roubo de armas neste Estado. "A guerrilha tem ramificações em toda a América do Sul" - diz logo um intrometido "assessor" do diplomata espião Vernon Walters.

OS FATOS

Mas saindo do terreno da especulação, do exagero, da afirmação falsa, da insinuação, os fatos são muito mais esclarecedores. João Canuto foi assassinado por pistoleiros, a soldo de grileiros, em Rio Maria, no Sul do Pará. Raimundo da Silva (Nonatinho) igualmente foi morto por bandidos desta laia. O padre Josino Moraes Tavares, coordenador da Comissão Pastoral da Terra do norte de Goiás, foi a mais recente vítima destas quadrilhas, fuzilado no centro de Imperatriz, no último sábado dia 10. No ano de 1985 mais de duas centenas de homens do campo foram executados pelas milícias particulares ou pela Polícia Militar.

Em várias ocasiões latifundiários declararam abertamente que estavam comprando armas para impedir os planos de reforma agrária. O próprio Pedro do Carmo Dantas, ao assumir recentemente a presidência do Incra, chegou a reconhecer que os fazendeiros estão se armando, mas cnicamente disse que se isto acontece é "para defenderem o patrimônio deles". Pois bem, nenhum dos assassinatos, nenhum, teve como consequência a punição dos mandantes. E ninguém das altas autoridades, civis ou militares, falou em Segurança Nacional diante da acintosa criação de exércitos privados.

DEFESA URGENTE

Lênin, em 1920, defendendo as formas legais de luta, dizia: "Sem dominar todos os meios de luta podemos correr o risco de sofrer uma derrota fragorosa - às vezes decisiva - se modificações independentes de nossa vontade na situação das outras classes puserem na ordem do dia uma forma de ação na qual somos particularmente débeis". E acrescentava que "os revolucionários que não sabem combinar as formas legais de luta com todas as formas legais são péssimos revolucionários".

No caso de nosso país, é evidente que esta situação é também inteiramente válida. Só que na situação particular dos camponeses, a realidade impõe com extrema urgência, que além de esgotarem todas as formas legais para impedir o massacre de suas filiaras e para impulsionarem os planos de reforma agrária, por mais tímidos que sejam, os camponeses estudem formas práticas de conter a violência dos grileiros, que agem absolutamente à revelia da lei, protegidos vergonhosamente pelas instituições em todos os níveis.

DESMASCARAR O TERROR

Ao lado disto, em todo o país, torna-se necessária uma ampla campanha de esclarecimento da opinião pública sobre a violência dos latifundiários e, mais do que isto, da virulenta e sórdida onda de diversionismo feito pelas forças de direita. Tenta-se criar um clima de insegurança e de provocações, para justificar ações repressivas indiscriminadas. Tenta-se inventar uma guerrilha que não existe. Tenta-se falar de grupos articulados internacionalmente e outras coisas mais, no velho estilo da CIA e do SNI. Tudo isto para ocultar uma guerra que existe, dos poderosos contra o povo. (Rogério Lustosa).

As eleições deste 15 de novembro deverão representar um valioso aprendizado para o povo brasileiro, na luta por seus interesses maiores. Além de seu caráter constituinte e da vigência de razoáveis condições de liberdade partidária, elas permitirão, pela primeira vez desde 1964, o desenvolvimento aberto das coligações entre diferentes partidos.

As coligações são uma modalidade específica de aliança ou compromisso político, tendo em vista uma determinada eleição. Antes do golpe militar, elas faziam parte do dia-a-dia das 13 legendas partidárias que funcionavam oficialmente no Brasil. Porém, com a instauração da ditadura e de um rígido sistema bipartidário sob supervisão dos militares, deixaram de existir. Nas eleições de 1982, apesar da criação de alguns novos partidos, as coligações foram proibidas através do tristemente célebre "pacote de novembro" (de 1981). No pleito de novembro passado, para as prefeituras das capitais e "áreas de segurança nacional", o direito de coligação foi restaurado - e exercido, em vários casos. Tratava-se, porém, de uma eleição parcial, restrita à escolha de prefeitos e vice-prefeitos. Portanto, a grande maioria do eleitorado brasileiro tomará contato este ano, pela primeira vez, com esta variável da luta eleitoral.

Agora fica mais fácil saber quem é quem dentro da arena eleitoral

A regulamentação das eleições deste ano até agora não foi fixada pelo Congresso Nacional, o que significa que várias regras do jogo ainda estão sujeitas a mudança, inclusive no que diz respeito à coligações. Pode-se, contudo, tomar como ponto de referência o projeto aprovado este mês no Senado, que tem um capítulo especialmente dedicado ao assunto.

Em resumo, o direito de coligação significa que dois ou mais partidos políticos podem se apresentar aos eleitores, em novembro, na qualidade de aliados: apresentarão uma mesma chapa de candidatos aos cargos majoritários (governador, vice-governador e senadores) e uma mesma lista de candidatos a deputado federal e estadual, formadas por membros dos partidos coligados. A coligação recebe um nome próprio, distinto das legendas que a formaram, e atua por meio de acordo entre os partidos componentes. Depois da eleição, na hora da contagem dos votos, conta-se primeiro o total de sufrágios conferidos a determinada coligação, para ver o total de mandatos que ela conquistou. A divisão desses mandatos entre os partidos coligados se faz pelo critério dos candidatos mais votados. Encerrado o processo eleitoral, termina também a coligação. Os partidos que se coligaram continuam ou não em aliança, de acordo com suas conveniências políticas, mas com total autonomia entre si.

Essas explicações são necessárias para que se compreenda a natureza e os limites das coligações, enquanto alianças políticas. Trata-se de um acordo entre partidos distintos e diferenciados, que mesmo no curso da campanha eleitoral mantêm sua fisionomia própria, sua identidade organizativa e programática, apresentando-se ao eleitorado com sua legenda, pedindo votos para os seus candidatos, desenvolvendo a sua propaganda específica, inclusive nos



Recife, 1985: uma experiência, vitoriosa, de coligação

horários gratuitos em cadeia de rádio e TV.

A vantagem deste sistema, para os eleitores e a democracia, é deixar claro quem é quem na arena eleitoral. Sob a ditadura, uma camisa-de-força obrigava a convivência, dentro do mesmo partido, de setores com pouca ou nenhuma identidade ideológica entre si. Agora, cada qual goza do direito de se organizar no partido de sua preferência, enquanto as alianças de caráter mais imediato ou circunstancial tendem a assumir a forma de coligações eleitorais.

Naturalmente, o uso que se faz das coligações varia ao sabor da coloração ideológica de cada um. Um partido que seja oportunista guia-se pelo oportunismo. Um fisiológico amolda-se conforme seu fisiologismo. Onde haja algum caudilho contagiado pela febre da ambição pessoal, esta ambição norteará a coligação. Onde impere o espírito de seita, a concepção de coligação será necessariamente sectária. E, por fim, quem possuir princípios buscará uma linha de princípios.

No Brasil, onde a burguesia e a pequena-burguesia até hoje não formaram partidos sólidos, estáveis e doutrinariamente definidos, os projetos pessoais ou de panelinha têm peso desmesurado nessas definições. Como exemplo, pode-se citar a esperada coligação PL-PFL-PCB-PDT-PTB-PDS (!!), em Minas Gerais, ou a mais modesta coligação PDT-PDS-PFL, no Acre.

É compreensível que o eleitor comum se revolte ao ver combinações tão despidas de princípios. Mas como usar o direito de coligação tendo como ponto de referência os interesses reais e fundamentais do povo?

Cada partido aparece com sua legenda e suas idéias próprias

O Brasil vem de um longo período de resistência democrática e antiditatorial, em que as esperanças eleitorais do povo convergiam para o MDB, mais tarde PMDB. A ditadura chegou ao fim; o leque partidário, que era de apenas duas legendas, hoje abriga três dezenas; mas a transição, a rigor, está longe de ter esgotado. Basta ver o lixo ditatorial até hoje quase intacto para ver quanta coisa é preciso democratizar.

Assim, continua na ordem do dia a construção de uma frente democrática de amplo espectro.

A coligação é a maneira prática de efetivar uma aliança deste gênero, para

vencer as forças da reação e do conservadorismo que se articulam - aqui abertamente, ali com disfarces, mas sempre presentes e atuantes. É coligando forças que se poderá alcançar a vitória eleitoral sobre a direita e, ao mesmo tempo, ir costurando o bloco de forças progressistas capaz de assegurar uma Assembléia Nacional Constituinte mais avançada.

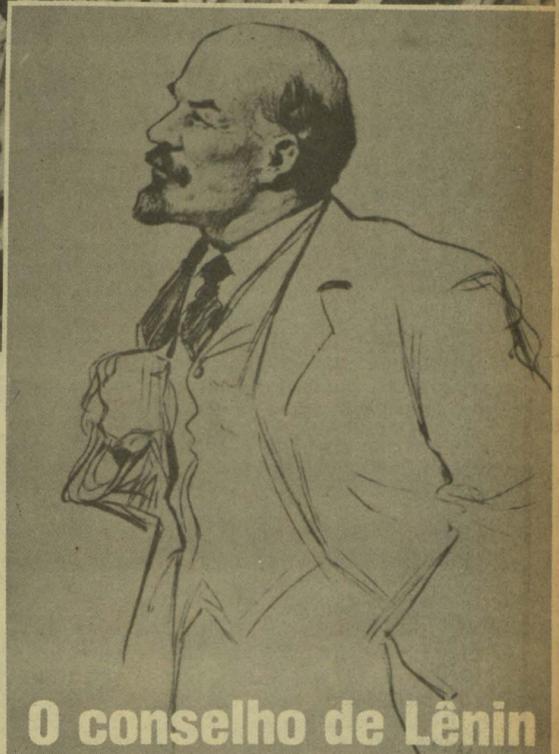
Uma coligação, entretanto, não quer dizer uma fusão. Nem se confunde com o tipo de acordo que as circunstâncias impunham durante a fase de ditadura. Cada partido coligado aparece com sua legenda e suas propostas independentes, sem se confundir com os demais.

A coligação dos setores democráticos, interessados no avanço do país, pode se dar por meio de entendimentos claros, feitos à vista do povo, em torno de plataformas de ação que não sejam simples promessas eleitorais, mas compromissos a serem cumpridos. Sem se subordinar às mesquinhas tentativas em torno de cargos e vantagens pessoais, que são a norma entre os políticos burgueses, defendendo, com franqueza, os pontos unitários que formam a base da coligação.

Uma coligação se desenvolve no nível de cúpula e também na base

O eleitor, ao votar, escolherá um determinado candidato, de um determinado partido. Não votará simplesmente na coligação, na sua proposta geral de unidade, nos candidatos majoritários. Como não existe mais voto vinculado, o eleitor pode inclusive estabelecer sua própria "dobradinha", sufragando uma chapa de candidatos que não corresponda às coligações legalmente estabelecidas. Isso ressalta mais ainda o papel do desempenho independente de cada partido ao longo da campanha eleitoral.

Por fim, vale assinalar que uma coligação eleitoral se desenvolve em dois níveis, interligados porém com dinâmicas distintas. Ela é um acordo entre direções partidárias, referendado em Convenções, registrado na Justiça Eleitoral. Mas é também um esforço de ação conjunta das bases dos partidos que se coligam, e, mais ainda, dos setores de massas sob sua influência. Na base, mais do que na cúpula, uma coligação de caráter democrático e progressista cria condições significativas para o avanço da unidade do povo - indispensável à realização de nosso país.



O conselho de Lênin

Na obra de Wladimir Lênin, são frequentes as passagens que analisam acordos, alianças e compromissos políticos - às vezes para taxá-los de inaceitáveis, verdadeiros atos de traição, e às vezes para considerá-los benéficos ou mesmo obrigatórios. O famoso folheto "O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo", escrito em 1920, com base na experiência da revolução russa, contém algumas passagens particularmente instrutivas sobre a tática dos comunistas na Inglaterra.

Em resumo, Lênin aconselha os comunistas ingleses a proporem uma coligação com o Partido Trabalhista, de Arthur Henderson, contra a aliança reacionária entre o Partido Liberal, de Lloyd George, e o Partido Conservador, de Winston Churchill. E faz as seguintes considerações:

"As divergências, de um lado entre os Churchill e os Lloyd George - tipos políticos que existem em todos os países, com ínfimas diferenças nacionais - e, de outro, entre os Henderson e os Lloyd George não têm a menor importância e são insignificantes do ponto de vista do comunismo puro, quer dizer, abstrato, incapaz ainda de ações políticas práticas, de massas. Mas do ponto de vista das ações práticas de massas estas diferenças são de uma importância extraordinária. Saber levá-las em conta, saber determinar o momento em que amadureceram de todos os conflitos inevitáveis entre esses 'amigos' - conflitos que debilitam e extenuam todos os 'amigos', tomados em conjunto - é tarefa, é missão do comunista que deseje ser não só um propagandista consciente, convencido e preparado no aspecto ideológico, mas também um dirigente prático das massas na revolução. É necessário unir a fidelidade mais absoluta às idéias comunistas com a arte de admitir todos os imprescindíveis compromissos práticos, acordos, manobras, zigzagues, retiradas, etc., para acelerar a existência e a decadência do poder político dos Henderson".

Frequentemente tira-se daí a seguinte conclusão: 'Isto é assim na Rússia; mas no nosso país o parlamentarismo é diferente'. A conclusão é falsa. Os comunistas, os partidários da III Internacional existem em todos os países precisamente para transformar por completo, em todas as esferas, o velho trabalho socialista, tradeunista, sindicalista e parlamentar em um trabalho novo, comunista. Em nossas eleições também vimos de sobre hábito puramente burgueses, rasgos de oportunismo, de praticismo vulgar e de fraude capitalista. Os comunistas da Europa Ocidental e da América devem aprender a criar um parlamentarismo novo, incomum, não oportunista, despido de arrivismo. É preciso que o Partido Comunista lance suas consignas; que os verdadeiros proletários, com ajuda dos pobres não organizados e oprimidos por completo, distribuam panfletos, percorram as casas dos operários, as choupanas dos proletários do campo e dos camponeses que vivem em povoados perdidos (por sinal, na Europa há muito menos que na Rússia, e na Inglaterra apenas uma ou outra); que penetrem nas tabernas frequentadas pela gente mais simples, que se introduzam nas associações, sociedades e reuniões fortuitas do povo humilde; que falem ao povo com uma linguagem simples (e não muito parlamentar), que por nada no mundo corram atrás de 'um lugarzinho' no Parlamento, mas despertem em toda parte o pensamento, levem as massas atrás de si, peguem a burguesia por sua própria palavra e utilizem o mecanismo criado por ela, as eleições convocadas por ela e seus chamados a todo o povo; que façam o bolchevismo chegar ao povo como nunca tiveram ocasião de fazer (sob o domínio burguês) exceto no período eleitoral (sem contar, logicamente, os momentos de grandes greves, quando este mesmo mecanismo de agitação popular funcionava em nosso país com intensidade ainda maior). Fazer assim na Europa Ocidental e na América é muito difícil, difícilíssimo; mas pode e deve ser feito, pois é totalmente possível e necessário para a vitória do comunismo sem trabalho".

"Um novo tipo de ação eleitoral"

Lênin insiste também na maneira de desenvolver esta política:

"Os comunistas da Inglaterra devem utilizar constantemente, sem descanso nem vacilação, as eleições parlamentares; todas as peripécias da política irlandesa, colonial e imperialista universal do governo britânico e todos os demais campos, esferas e aspectos da vida social, atuando neles com um espírito novo, com um espírito comunista, com o espírito da III Internacional, e não da II. Não disponho de tempo nem de espaço para descrever aqui os procedimentos 'fussos', 'bolcheviques', de participação nas eleições e na luta parlamentar; mas passo a assegurar aos comunistas dos demais países que não se pareçam em nada com os camponeses e operários habituais da Europa Ocidental, do comunismo sem trabalho".

DE OLHO NO LANCE

Suicídio na TV

Em Florianópolis o soldado PM Sílvio Roberto Vieira entrou nos estúdios da TV Cultura armado de revólver e, diante das câmaras, denunciou as péssimas condições em que vive, queixou-se do baixo salário que recebe na Polícia Militar e, desesperado com as dívidas acumuladas, ameaçou se matar com um tiro na cabeça.

Depois de alguns minutos, assistido pelos telespectadores, o repórter Hélio Costa permitiu ao soldado desabafar e conseguiu acalmá-lo. Nesta hora entra em cena o comandante da PM, coronel Uriarte, que encostou um revólver na cabeça de Sílvio e deu-lhe voz de prisão. Sem nenhuma reação, o quase suicida ainda disse ao público: "Estou sendo preso".

O soldado foi expulso da corporação, sob acusação de "grave indisciplina". Com esta decisão, acompanhada do gesto do "valente" do coronel, a PM pretende provar que tudo o que foi dito pelo soldado é falso e que o clima no quartel é excelente.

Se os próprios soldados são tratados desta forma tão "gentil e compreensiva", imaginem o que enfrentam as vítimas deste policiamento no dia-a-dia, quando as ações não são acompanhadas pelas câmaras de TV.



O poderoso Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo foi abalado por uma jogada suja, segundo Eustáquio Vital

Dirigente metalúrgico abandona o Sindicato

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, com mais de 350 mil operários na base, passou por uma profunda crise interna nos últimos dias. No final de abril, um setor minoritário da diretoria lançou um documento na base rachando a unidade da direção sindical. Na quarta-feira, dia 14, o encabeçador deste documento, o vice-presidente Luís Antônio, pediu seu afastamento do Sindicato para se lançar a deputado estadual pelo PTB do empresário Antônio Ermírio de Moraes.

A crise interna no mais importante sindicato do país estourou pouco antes das comemorações do 1º de Maio. Um manifesto "aos metalúrgicos", subscrito por oito diretores da entidade, foi amplamente distribuído nas fábricas da capital. Ele reivindicava a democratização e dinamização do sindicato e criticava a maioria da direção de imobilista.

Mas o documento continha várias inverdades e demagogias. Primeiro, pedia o afastamento do presidente do sindicato, Joaquim Andrade, quando isto já estava acertado pelo conjunto da diretoria desde uma reunião no início do ano. Inclusive o manifesto foi lançado no mesmo dia em que *Joaquinzão* chamou a imprensa para anunciar seu desligamento. "Vou me dedicar à construção da CGT", havia anunciado o presidente do Sindicato e da Central Geral dos Trabalhadores.

O manifesto também reivindicava a realização de um congresso da categoria, o aumento da infraestrutura de mobilização dos dirigentes do sindicato (assessores sindicais, carros com som etc.).

Só que tudo isto já estava acertado pelo conjunto da diretoria - inclusive pelos oito que assinaram o documento diversionista. Ou seja, era pura demagogia.

No entender da maioria da direção sindical, o documento era oportunista. Visava apenas faturar com a saída de Joaquim e com as medidas já decididas, de dinamização da entidade.

CAIU A MÁSCARA

O que surpreendeu em todo este episódio é que o documento foi encabeçado pelo vice-presidente do sindicato, Luís Antônio Medeiros. Dos outros signatários, a maioria filiada ao PDT - e egressa de um recente racha do PCB - já se esperava tal manobra. Há muito que os dissidentes do partido revisionista estavam em contraposição com a linha política do Sindicato. Desde que pregaram o boicote ao Colégio Eleitoral, em janeiro de 85, a situação havia se acirrado. Numa postura míope e sectária, este setor minoritário vinha jogando num racha da diretoria, na desestabilização e desgaste do

Sindicato.

Já Luís Antônio sempre adotou outra postura. Ele inclusive era um dos que mais condenava - aparentemente - a posição sectária dos filiados ao PDT. Nesse sentido, sua aliança com os mesmos causou grande estranheza. Cheirava a golpe.

Só que toda a jogada não deu certo. Joaquim Andrade resolveu não se afastar do Sindicato, no momento, para evitar que Luís Antônio assumisse a presidência. Alegou que ficaria mais um tempo, para "resolver a crise interna". E Luís Antônio abriu descaradamente o jogo: filiou-se em seguida ao PTB - o mesmo partido que lança o grande empresário Antônio Ermírio de Moraes para o governo de São Paulo, em nome da burguesia conservadora.

UNIDADE NA LUTA

A partir do desligamento de Luís Antônio, a situação no Sindicato tende a se acalmar. Para Eustáquio Vital, diretor da entidade, a manobra foi prejudicial ao Sindicato. "O nosso Sindicato se fortaleceu nos últimos tempos, principalmente com a greve geral de 85. Esse golpe visava exatamente destruir esse trabalho, servindo concretamente ao patronato e às correntes divisionistas. O negócio agora é retomar o trabalho sindical, enterrar essa jogada suja".

Secundaristas farão congresso coroando campanha pelo grêmio

Nos dias 30 e 31 de maio e 1º de junho será realizado em Juiz de Fora, Minas Gerais, o XXV Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, que deverá reunir mais de 5 mil estudantes. O Congresso deverá coroar a fase de reconstrução dos grêmios livres bem como o início da conquista de espaço para a Nova Escola na Constituinte.

Segundo Selma de Oliveira, atual presidente da UBES, os secundaristas brasileiros chegam a este XXV Congresso em meio a uma ampla mobilização visando a reconstrução dos grêmios, de acordo com a lei do deputado federal Aldo Arantes, sancionada em 5 de novembro do ano passado. Somente em São Paulo mais de cem entidades já foram reconstruídas. E o processo também é intenso em Estados como o

Pará, Goiás e Paraná, além do Distrito Federal.

Mas para garantir o pleno funcionamento dos grêmios, segundo Selma, é imprescindível democratizar os regimentos internos das escolas. "Atualmente - afirma ela - os alunos só têm deveres, nenhum direito. E os regimentos são feitos de tal forma que acabam limitando o funcionamento dos grêmios. E inclusive em diversos estabelecimentos de ensino a lei sobre o grêmio foi mal interpretada, por ignorância ou má fé e se pôs em votação se os alunos preferiam centros cívicos ou grêmios. A lei é clara: os grêmios substituem os centros cívicos criados no período da ditadura".

ENSINO GRATUITO

Outro ponto fundamental para democratizar realmente o ensino é a luta contra a privatização das

escolas, a garantia de ensino público e gratuito por todos. Este deverá ser, segundo Selma, o centro do Congresso. "Vamos propor uma ampla campanha com manifestações, passeatas e mobilizações nas escolas com este objetivo, reunindo todas as entidades que estão ligadas à educação, como UNE, UBES, Andes, Fasuba e CPB, entre outras".

Ainda com a preocupação de tornar o ensino brasileiro massivo e democrático, o Congresso da UBES deverá debater questões específicas como eleição direta para diretor, a não obrigatoriedade do uso do uniforme, a instalação dos Conselhos de Escola, com participação de professores, alunos, pais, funcionários etc.

A atual diretoria da UBES acredita que a maioria das questões serão aprovadas por consenso ou ampla maioria. "Apenas duas questões deverão criar polarização - declara Selma - a suspensão do pagamento da dívida externa e a eleição de uma diretoria proporcional de acordo com a correlação de forças existente no Congresso. Acreditamos que os secundaristas precisam ter uma posição clara quanto à suspensão do pagamento da dívida externa, principalmente quando a maioria das entidades representativas de massa como UNE, Conam, CGT e outras já se posicionaram. E quanto à diretoria proporcional acreditamos que na prática seria uma salada de representantes de partidos políticos que imobilizaria a entidade. Precisamos garantir a aplicação das deliberações do Congresso, com uma chapa escolhida por maioria".



Mobilização no 24º Congresso da UBES

Ato por terra e justiça no Vale do Jequitinhonha

Cerca de 700 pessoas, em sua maioria trabalhadores rurais, reuniram-se na Praça do Rosário, na cidade de Itamarandiba, Vale do Jequitinhonha, no dia 4 de maio último. Sob o lema "Terra, Trabalho e Justiça", comemoraram o Dia Internacional do Trabalhador e ao mesmo tempo realizaram um vibrante ato público pela reforma agrária.

Os oradores se revezaram na denúncia da extrema exploração do trabalhador rural (um lavrador declarou que recebia Cz\$ 2,00 por dia), e da violência dos latifundiários.

O ato, dirigido pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itamarandiba, Geraldo Martiniano dos Santos, contou com participação dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Turmalina, Minas Novas, Aracui e Capelinha, além do diretor da Fetaemg, Vicente Faul, com ameaça de prisão preventiva pedida pelo apoio que deu aos posseiros da Fazenda Trovoada. A Secretaria do Trabalho deu apoio material ao ato e seu diretor regional solidarizou-se com a luta pela reforma agrária.

Estavam presentes um representante do PMDB, uma delegação do PC do B com um membro da direção regional provisória e o candidato a deputado pelo partido na região, Benê, como é conhecido,

falou em nome do partido e como ex-assessor sindical da Fetaemg. Conhecido por sua luta em prol da fundação do Sindicato de Itamarandiba e outros da região, foi muito aplaudido ao afirmar que aquele sindicato "tinha sangue comunista desde sua fundação". Com sua ausência, os representantes do PDS e do PFL, além do prefeito Afonso Arinos Gandra, demonstraram estar contra a luta dos trabalhadores.

PREFEITO AMEAÇA

Aliás, o sr. Gandra, ex-PDS e hoje PMDB, desacatou o presidente do Sindicato Geraldo Martiniano, e disse que jamais voltaria a permitir uma manifestação do gênero na cidade.

O prefeito, que mantém relações com o biônico Murilo Badaró, embora tenha prometido comparecer ao ato fez de tudo para sabotá-lo, organizando no mesmo dia um domingo de lazer e esporte na principal praça da cidade. Mas o tiro saiu pela culatra. O ato esteve sempre cheio e desembocou numa passeata que percorreu as principais ruas da cidade com palavras de ordem em favor da reforma agrária, como "Cadeia prá grileiro, terra pros posseiros".

PRESEÇA FEMININA

Numerosas lavradoras destacaram-se no ato. Fa-

lando em nome do Sindicato de Capelinha, a secretária da entidade, Rita, ressaltou a importância dessa participação e conclamou as mulheres a se integrarem ainda mais na luta pela reforma agrária e pelas transformações sociais.

O ato no Alto do Jequitinhonha, assim como outros do gênero, é um sinal da reação dos trabalhadores rurais às investidas do latifúndio e das forças reacionárias que recentemente criaram entidades como a União Democrática Ruralista no Triângulo Mineiro. A UDR já reúne 500 proprietários rurais com o objetivo aberto de combater a reforma agrária. No Norte de Minas foi criado o MDR com os mesmos objetivos, reunindo 200 grandes proprietários de terras, com sede em Montes Claros.

O ato serve de alerta ao governador Hélio Garcia para que não se deixe levar pela pressão do latifúndio e não volte a declarar que "é o governador que sabe onde deve fazer a reforma agrária". Os trabalhadores rurais vêm mostrando que eles é que sabem onde o sapato aperta. Nos próximos dias 25 e 26 os sindicatos do Alto Jequitinhonha realizarão o encontro pela Terra. Em Belo Horizonte criou-se, por convocação da Fetaemg, sindicatos, IAB e PC do B, a Comissão pela Reforma Agrária de Minas Gerais. (da sucursal)



Foto: Pedro Veríssimo

Manifestação pela reforma agrária no Vale do Jequitinhonha, uma reivindicação sentida

Latifundiários articulam a UDR no Estado do Maranhão

Diante da perspectiva de aprovação do Plano Regional de Reforma Agrária no Maranhão, iniciaram-se há cerca de um mês na região de Bacabal intensas articulações dos latifundiários visando organizar a União Democrática Ruralista do Médio Mearim. Seu objetivo é claro: barrar a aplicação da reforma agrária a pretexto de defender o patrimônio de seus associados.

Os grandes proprietários fundiários chegaram a defender pela televisão a formação da polícia rural, ou seja, o fardamento de seus jagunços e pistoleiros. À frente desta iniciativa, apoiada abertamente pelo governo Luís

Rocha, por grande parte do PFL e pelo PSB, estão o deputado federal Magno Barcelar (PFL), o secretário da Fazenda do Estado do Maranhão, Nelson Frota (grileiro em Santa Luzia, de onde expulsou 120 famílias e um lavrador de 61 anos foi assassinado). Participaram também Hugo Saraiva, presidente da Associação de Criadores (de São Paulo), Arnaldo Barros, candidato a deputado estadual pelo PFL com apoio de José Teixeira, e o violento Rubens Melo, presidente do Sindicato Rural de Lago da Pedra, irmão do ex-prefeito grileiro Valdir Jorge Melo.

A entidade já formou sua



Foto: Marzê

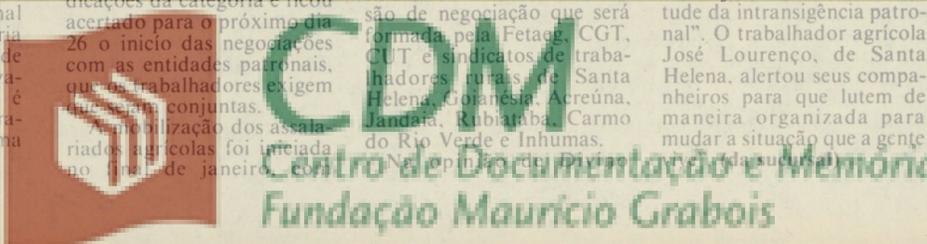
Manifestação de lavradores maranhenses pela reforma agrária

Canavieiros goianos lutam unificados

Foi realizada no último dia 6, na sede da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás uma reunião com representantes de 20 sindicatos de trabalhadores na área da cana. Na reunião foi concluída a pauta de reivindicações da categoria e ficou acertado para o próximo dia 26 o início das negociações com as entidades patronais, que os trabalhadores exigem negociações conjuntas. A mobilização dos assalariados agrícolas foi iniciada no final de janeiro.

reuniões e assembleias promovidas pelos sindicatos de trabalhadores rurais. Também foram feitos três encontros regionais preparatórios para o encontro estadual realizado entre 19 e 20 de abril. Na reunião das lideranças sindicais foi definida a comissão de negociação que será formada pela Fetaeg, CGT, CUT e sindicatos de trabalhadores rurais de Santa Helena, Cianésia, Acreúna, Jandaia, Rubiataba, Carmo do Rio Verde e Inhumas.

Goulart, presidente da Fetaeg, "os trabalhadores estão mobilizados para esta campanha salarial e não hesitarão em lançar mãos das formas de lutas que estão a seu alcance, inclusive a greve, caso as suas reivindicações não sejam atendidas em virtude da intransigência patronal". O trabalhador agrícola José Lourenço, de Santa Helena, alertou seus companheiros para que lutem de maneira organizada para mudar a situação que a gente



Vitoriosa greve dos metalúrgicos gaúchos

Os metalúrgicos de Porto Alegre, depois de cinco dias de greve, voltaram ao trabalho após assinatura de acordo com o patronato. Os metalúrgicos alcançaram um piso de Cz\$ 1.399,20 e produtividade de 4%. A jornada de trabalho será reduzida, gradativamente. Em junho ela será de 47 horas, em novembro 46 e em abril 45 horas.

O sindicalista José Freitas, analisando o movimento, considera que houve vitória devido à grande mobilização dos trabalhadores, que superaram a insuficiente organização da parada. Para ele o dissídio deste ano foi diferente, "observando-se a grande combatividade dos piqueteiros".

GREVE MASSIVA

A greve atingiu 85% da categoria e os patrões recorreram a todos os expedientes para derrotar os trabalhadores. A Brigada Militar reprimiu o movimento, com agressões aos piqueteiros e o uso de gás lacrimogêneo. A ação da polícia, que revela a truculência da repressão do governador Jair Soares, provocou inclusive um traumatismo craniano em um operário da Geral de Guaíba. Em Cachoeirinha, na empresa Icotron, que tem maioria de funcionários mulheres, uma piqueteira, Lena, foi covardemente agredida pelos policiais.

As maquinações patronais não ficaram só na repressão policial. A burguesia recorreu também à Delegacia Regional do Trabalho, que mais uma vez mostrou que está a serviço do capital. No dia 9 a DRT propôs um piso de Cz\$ 1.440,00 e produtividade variável de 4 a 5%. Os trabalhadores aceitaram a proposta. Mas os patrões não aceitaram, e a DRT mudou sua proposta e, diante da ameaça de decretação da ilegalidade da

greve, os metalúrgicos foram constrangidos a aceitar a nova oferta.

O presidente do sindicato da categoria, Glênio Costa, defendeu o fim da greve, apesar da radicalização da massa operária, principalmente em virtude das agressões e da repressão sem par feita ao movimento. Glênio considerou que, mesmo com o recuo da DRT, a nova proposta era ainda melhor do que esperar por um julgamento do Tribunal.

ENTUSIASMO OPERÁRIO

O movimento grevista surpreendeu pela força e entusiasmo dos operários, e isto quando há o clima do cruzado e do congelamento. José Freitas disse que os operários, após aderirem à paralisação, transformavam-se imediatamente em piqueteiros. "Isto se deve à nova situação política do país. Há mais debate de idéias, o próprio trabalhador quer se esclarecer mais", afirma o sindicalista.

Freitas ressalva que o plano de estabilização econômica manteve o arrocho salarial e que só o congelamento não basta: "O pessoal quer melhorar o poder aquisitivo, e foi à luta".

Um operário da Narcosul, que pela primeira vez participou de uma greve, explicou: "Eu senti, como metalúrgico, que temos que lutar. O país

mudou. Mas naquilo que está faltando, que o governo ainda não mudou, nós teremos de dar um empurrão".

Um funcionário da Icotron conta que, nessa empresa, a greve começou com as mulheres do primeiro turno, que após estarem trabalhando conversaram entre si e resolveram sair. Os patrões tentaram impedir que a greve se alastrasse nos outros turnos e levaram o ônibus com o pessoal do turno dois para uma garagem até que os piqueteiros saíssem da frente da fábrica. Mas o pessoal saiu do ônibus e, em passeata, foi se solidarizar com os piqueteiros e aderir ao movimento.

CLIMA DE VITÓRIA

Um operário denuncia que há dois meses a Icotron vinha diminuindo os prêmios por produção, embora ela tenha se mantido normal e com a mesma qualidade, e credita a greve às dificuldades financeiras que os trabalhadores estão pensando. Outro grevista destaca que, na próxima paralisação, será necessário organizar um fundo de greve antecipado, para que o movimento seja mais forte e tirar o medo de alguns operários.

A volta ao trabalho dos metalúrgicos se deu em clima de vitória. Afinal, com a greve os operários demonstraram muita união e combatividade e conseguiram dobrar a intransigência patronal. Como resultado da luta, os trabalhadores conquistaram um piso salarial e produtividade muito acima da proposta inicial da burguesia, que ainda teve que ceder a redução da jornada, o que não estava em seus planos.



Assembléia dos portuários do Rio de Janeiro aprova a greve pelo pagamento do 14º salário

Portuários dão prazo para Docas pagar 14º

No dia 15 os 5 mil portuários cariocas suspenderam sua greve e deram prazo à Companhia Docas do Rio de Janeiro (CDRJ) até o dia 23 de maio para o atendimento de suas reivindicações. Eles estão exigindo o pagamento do 14º salário a que têm direito a título de "participação nos lucros". A Companhia acusou no seu balanço de 1985 um lucro de Cz\$ 65 milhões, mas depois refez o documento, incluindo essa verba no item "previsão de gastos". A partir daí, os operários ficariam sem o 14º salário...

A greve, que durou dois dias, teve adesão total e atingiu os cinco portos da CDRJ: do Rio, Niterói, Sepetiba, Angra dos Reis e do Arraial do Cabo. O ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares, admitiu que a empresa teve prejuízos de cerca de Cz\$ 10 milhões com a paralisação.

INTERVENÇÃO DA MARINHA

No dia 15, enquanto os operários decidiam pela suspensão da greve, os ministros do Trabalho, Almir Pazzianotto, e dos Transportes reuniram-se com o chefe do Serviço Nacional de Informações, SNI, general Ivan de Souza Mendes. Da reunião saiu a notícia de que o presidente interino das Docas, Valdir Garcia, havia sido demitido, e o capitão da Marinha, José Carlos Rangel Urrutigaray, havia sido designado para o cargo com a função de



Não houve incidentes nos piquetes - a greve tem adesão massiva

"acabar com a crise na empresa e não apenas com a greve". Pouco depois o general Ivan de Souza Mendes anunciava seu descontentamento com o fato de ocorrerem "muitas greves políticas entre as que estão estourando por aí". Ou seja, o militar está tramando contra o direito democrático dos operários realizarem greves.

Mesmo com a intervenção militar na Companhia Docas, os operários não suspenderam sua greve sob um clima de derrota. Pelo contrário, ficou acertado com a empresa que os dias de greve serão pagos e os portuários têm estabilidade no emprego até junho.

Até o dia 23, quando se encerra a trégua dada pelos portuários à empresa, a CDRJ negociará com o governo a solução da dívida de Cz\$ 65

milhões referente a multas e correção monetária pelo atraso do recolhimento de Cz\$ 2,5 bilhões da taxa de melhoramento dos portos.

DESVIO PARA SANTOS

A greve levou ao desvio de navios especializados em contêineres para o porto de Santos, São Paulo. Mas também este porto sofre problemas de operacionalidade. Nele, desde o dia 9, cerca de 300 eletricitários estão em greve, exigindo o pagamento de adicional de periculosidade. Alguns portos já pagam esse adicional, e a Codespe assinou acordo instituindo esse pagamento, mas não o está cumprindo. As demais categorias operárias de Santos estão apoiando o movimento e solidarizaram-se, também, com seus irmãos de classe cariocas.

SindPD apóia a suspensão do pagamento da dívida externa

A imediata suspensão do pagamento da dívida externa, o apoio ao congelamento dos preços e a crítica aos aspectos salariais do pacote econômico do governo foram algumas das propostas aprovadas pelo 4º Congresso Estadual dos Empregados de Empresas de Processamento de Dados de São Paulo, realizado no auditório do Sindicato dos Jornalistas.

Os trabalhadores em processamento de dados também decidiram que o sindicato da categoria não vai se filiar, no momento, a nenhuma das duas centrais sindicais existentes - CUT ou CGT. A posição de independência foi justificada pela necessidade de continuar, ainda que em novas condições, a luta pela reunificação sindical no Brasil.

Apesar de não poder ser con-



Os trabalhadores em processamento de dados durante o Congresso

siderada a melhor posição em relação ao atual quadro sindical brasileiro, foi uma vitória da categoria. A não filiação à CUT ou à CGT obteve o apoio de 90% dos trabalhadores que

participaram do Congresso. A outra proposta, de filiação à CUT, foi apoiada pelo presidente do sindicato, Assis Aderaldo, e pelas correntes trotskistas.

Mineiros param contra ruptura de acordo

Um total de 56 mil trabalhadores, de seis categorias, entram em greve na semana passada em Santa Catarina, no maior movimento de paralisação realizado no Estado desde 1964. Foi nas minas de carvão de Criciúma, no Sul, que teve início a greve. Os mineiros, mais de 10 mil, reivindicam o cumprimento do acordo coletivo feito em janeiro, que prevê a concessão de uma antecipação salarial de 10% em abril nas minas particulares e de 25% na estatal Próspera, taxa de insa-

lubridade a ser paga em separado do piso salarial e estabilidade no emprego.

O patronato rompeu o acordo coletivo e não respeitou essas cláusulas. Por isto, as minas, o mais tradicional foco de resistência à exploração capitalista em Santa Catarina, estão completamente paradas. O movimento conta com a adesão total da categoria.

Também estão em greve os operários da indústria de vestuários e calçados, cerca de 20 mil, no Sul do Estado, reivindi-

cando um reajuste salarial de 50%. Pararam ainda os ceramistas, 18 mil, exigindo 70% de reajuste e piso salarial de Cz\$ 2.500,00; os metalúrgicos, cerca de 3 mil, também contra o rompimento do acordo celebrado em janeiro, que prevê um reajuste salarial de 22% em abril e foi rompido pelos patrões e os vigilantes e vigias de Santa Catarina, cerca de 5 mil, exigindo reajuste de 100% e piso de três salários mínimos, além de adicional de periculosidade. (Carlos Eduardo Cae)

Motoristas retornam ao trabalho em Curitiba

Os motoristas e cobradores de Curitiba (PR) resolveram retornar ao trabalho na quarta-feira, dia 14, depois de três dias de greve. A categoria, com 5 mil trabalhadores, está, porém, em "estado de greve", enquanto negocia com os empresários uma solução para o impasse criado em torno das suas reivindicações.

Durante o movimento, populares depredaram 188 ônibus. 43 pessoas foram presas e duas ficaram feridas. A paralisação foi quase total, contando com a adesão de pelo menos 80% dos motoristas.

Uma das exigências feitas pela categoria é o cumprimento do acordo coletivo firmado em novembro, onde consta que os trabalhadores têm direito a um reajuste salarial de 15,38%

desde fevereiro. O patronato simplesmente ignorou a cláusula, num desrespeito à lei que foi considerado uma provocação aberta à categoria.

DESRESPEITO

Cinicamente eles alegam que o pacote econômico baixado pelo governo não permite a concessão do reajuste previsto na convenção coletiva de trabalho. Um pretexto que, por sinal, ultimamente vem sendo sistematicamente utilizado pelo patronato para burlar os trabalhadores de diversas categorias.

Está sendo também reivindicado o reajuste do piso salarial dos motoristas para Cz\$ 3 mil, e dos cobradores, para Cz\$

1.500,00. Ostentando arrogância e oportunismo, os empresários estão atribuindo o movimento grevista a uma "minoría" que pretensamente seria contrária ao Plano de Estabilização Econômica do governo.

Chegaram mesmo a assegurar que o único objetivo da greve era político, de sabotar o pacote econômico. Contudo, não explicaram por quais razões estão descumprindo a convenção coletiva celebrada com os trabalhadores em novembro.

O comando da greve pediu a intermediação da Prefeitura da capital no conflito com o intuito de forçar o patronato a negociar. Várias empresas resolveram fazer acordos em separado, mas o Sindicato das Empresas Transportadoras de Passageiros do Estado do Paraná (que representa o patronato em seu conjunto) insiste numa posição intransigente, de nada ceder aos trabalhadores. Motoristas e cobradores poderão deflagrar nova greve se prevalecer a posição de arrogância da entidade patronal.

FORTALEZA

Em Fortaleza cerca de 3.500 motoristas, cobradores e fiscais de ônibus decidiram entrar em greve na quarta-feira, dia 14. Eles reivindicam melhorias salariais. Os patrões, contudo, também não mostraram disposição de ceder às exigências dos trabalhadores. A paralisação dos transportes coletivos foi generalizada.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Vários ônibus foram apedrejados na capital pernambucana

Operários impedem demissões na Zanini

A combativa categoria dos metalúrgicos de Sertãozinho, na região paulista de Ribeirão Preto, tem vivido momentos dramáticos nos últimos dias. Na quinta-feira, dia 8, a empresa Zanini Equipamentos Pesados, a maior do país no setor de destilarias, anunciou a demissão de 1.200 dos 3.600 funcionários. Na madrugada seguinte, toda a fábrica foi paralisada pelos operários e a firma recuou. Mas agora ela volta a falar em demissão em massa - que seria a primeira após o pacote econômico.

A única alegação da empresa, que pertence ao poderoso grupo Biagi, foi a de que o setor está em crise, com grande queda de encomendas. Mas os trabalhadores e o Sindicato dos Metalúrgicos da região de

Ribeirão Preto não aceitam esta farsa. Segundo Antônio Guerreiro, presidente da entidade sindical, "os operários não têm responsabilidade alguma com relação aos possíveis problemas financeiros da Zanini. Além do mais, o grupo Biagi constitui um império, em apenas duas décadas, às custas dos trabalhadores. E agora quer sacrificar os pais de família".

A empresa teve que voltar atrás na sua medida, devido à imediata reação dos metalúrgicos. Na sexta-feira, dia 10, todos entraram na fábrica, bateram o ponto e ficaram concentrados no pátio. Além disso, a Zanini conseguiu o repúdio de toda a sociedade. O próprio governo fez veemente crítica à sua atitude. Segundo o

ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, a conduta da firma foi "insensata, injustificável e impatriótica". Na nota distribuída à imprensa, o ministro ainda acrescentou que as demissões seriam "no mínimo um desafio e uma provocação aos trabalhadores".

O Sindicato dos Metalúrgicos ainda aproveitou para denunciar o envolvimento da Zanini no conhecido escândalo da Proálcool. A empresa teria emitido "notas frias" para adquirir de forma ilícita dinheiro público. O escândalo inclusive está sendo apurado pelo governo. Além disso, a entidade sindical explicou que as demissões fariam parte de uma trama de Zanini para chantagear o governo e aumentar o preço de seus produtos.



Nenhum comunista despejou nossa gente

Sou uma jovem deficiente de corpo inteiro. Não levanto os braços nem para levar a colher com comida na boca. Sou tratada igual criança de um ano que não come com a própria mão. A diferença é que sei tudo que é bom ou mau e a criança não sabe, mas tem mais força do que eu.

Só escrevo porque isso não depende de força e sim de tato. Meus manos colocam uma tabuinha nas minhas pernas, me dão papel e a caneta, aí eu consigo escrever.

Somos uma família de 11 irmãos, 4 deficientes: dois rapazes, um garoto de 13 anos e eu com 26 anos, 16 de parálitica. Meu pai trabalha na roça, minha mãe fica conosco, cuidando da luta de casa e de nós, deficientes. Tenho dois irmãos rapazes que são saudáveis e vivem trabalhando em outras cidades para nos ajudar e para se manterem. Um deles tem 24 anos e trabalha no Colégio Liceu, em Goiânia; o outro

tem 31 e trabalha numa firma em Piranhas. Vivemos aqui lutando pela vida. Meu pai tentando adquirir uma posse de terra para trabalhar e nos dar o pão de cada dia. Fomos despejados já duas vezes e só agora com a Nova República e o Plano de Reforma Agrária estamos com esperança de recebermos um pedaço de terra.

Não entendo nada de política, mas sou filiada ao PC do B, torço por ele de coração. Acompanhei no dia 23 a primeira apresentação dele no rádio e só não gravei o programa porque não temos gravador e não é fácil arranjar um por aqui. Algumas pessoas aqui não apoiam o nosso PC do B, dizem que quando o partido mandar no Brasil ninguém vai ter liberdade, que vão matar os que não trabalham como eu, que sou deficiente, e os velhos. Aí eu digo que nós já sofremos muito num país "liberto" como eles dizem. Então tenho o prazer de sofrer num país comandado

por gente comunista, pois nenhum comunista despejou gente como nós. Quem fez isso foram os militares.

Creio que se não fosse o militarismo não tinha havido tantas mortes. No Mato Grosso o governador Júlio Campos foi causador de muitas mortes e despejos. Por isso eu gostaria que o militarismo acabasse.

Aqui nós apoiamos os candidatos Euler Ivo, Aldo Arantes, Edmundo Galdino e outros mais. Aqui em casa tem quatro votos para essa gente amiga.

Adorei ouvir tudo que os líderes do PC do B falaram no programa, as entrevistas com as senhoras que falaram que o Jânio vai se danar com a cambada dele porque não quer aceitar o pacote e a que falou que o PC do B é bom, ou vai ou racha. Se eu pudesse ia agitar toda essa gente que não quer compreender que o PC do B é o partido político que trabalha pelo povo. (Maria das Dores - Goiás)

Programa do PC do B é bem aceito em Rio Verde

O programa do PC do B teve grande repercussão em Rio Verde, município do sudoeste goiano com quase 100 mil habitantes. Primeiramente, preparamos de forma organizada a maneira de assisti-lo. No dia em que foi apresentado, orientamos os militantes do partido para que assistissem na casa de amigos e simpatizantes. Depois do programa fizemos várias reuniões para discutí-lo.

Fruto desse trabalho, conseguimos criar um organismo de base do PC do B numa escola agrotécnica. Também fizemos, em ape-

nas dois dias, a filiação de 80 trabalhadores somente no Bairro Popular, local onde há uma grande concentração de bóias-frias.

Eu, pessoalmente, assisti ao programa num bar do Bairro Popular, local onde eu moro. Quando o programa iniciou, todos os presentes fizeram silêncio e passaram a dar atenção às mensagens transmitidas. Após a apresentação começamos a discussão e, ao final, ali mesmo, fiz 15 filiações ao PC do B.

No mais, conversando com o povo na rua, ouvi inúmeros elogios quanto à qua-

lidade do programa. Posso afirmar que em Rio Verde ele foi bem aceito. E a prova disso é que temos novas reuniões marcadas para fazer novas filiações de companheiros. Sem dúvida, o programa em nosso município foi um importante instrumento para crescer o partido. Através dele pudemos levar à população desta cidade interiorana quais são as propostas dos comunistas. De acordo com as pessoas que ouvi, foi o melhor programa político já apresentado em Rio Verde. (Manoel, Diretório Municipal de Rio Verde - Goiás).



Na praça da Sé, em meio a mais de 5 mil pessoas, as faixas de Brotas

Baianos de Brotas presentes no 1º de Maio na Sé

Comemoramos neste 1º de maio o centenário da luta operária. E pela primeira vez, numa das praças mais conhecidas do país, a Praça da Sé, em São Paulo, foi erguida uma faixa de Brotas de Macaúbas, Bahia, representando o Nordeste brasileiro. Vários brotenses, no meio de mais de 5 mil pessoas estavam reivindicando reforma agrária. É isso aí, brotenses, é nos organizando que venceremos a luta!

Na primeira semana do mês de maio o presidente da República, José Sarney, assinou um documento aprovando a reforma agrária em sete Estados do país. Isso é resultado da luta do povo.

E por falar em reforma agrária comenta-se que em Brotas de Macaúbas o prefeito deu para um ex-vereador uma fazenda com 50 hectares. Corre

frouxo o boato de que o ex-parlamentar sabia de muitas coisas comprometedoras e deixou-se corromper, recebendo como prêmio a fazenda.

Diz-se ainda que este prefeito está querendo comprar votos fornecendo passagens para São Paulo. E corre ainda que ele compra imóveis com cheques frios, demonstrando seu caráter explorador.

Para nos fortalecer e combater este tipo de corrupção devemos nos organizar e providenciar com a maior urgência possível um diretório do PC do B na cidade, pois é um partido que está a frente das lutas pela reforma agrária antilatifundiária e pela suspensão do pagamento da dívida externa.

(C.C.L. - amigo da TO - de Brotas, residente em São Paulo)



Garçons de Porto Alegre exigem regulamentação

O garçon é aquele que no restaurante, no hotel, na pizzaria etc... tem que estar sempre alegre, disposto, sorridente para receber os clientes, e muitas vezes clientes mal humorados, que vão ao restaurante para desvariar o garçon os seus problemas. Muitas vezes somos postos na rua porque os patrões sempre acham que o cliente tem razão, levando em conta o cliente e nunca o trabalhador, pois garçon tem que andar barbeado, unhas aparadas, sapatos bem lustrados, com traje impecável. Trabalha mais de 8 horas corridas sem intervalo para descanso. Nos bares e restaurantes trabalham até 10 horas diárias, não recebem horas extras, adicional noturno e nem salário, uma vez que a maioria das casas cobram os 10% e fica 5% para os garçons. Os restaurantes retêm parte dos 10% para pagarem outros empregados, como cozinheiros, copeiros etc... e os garçons ainda têm que assinar o recibo de salário que não recebem. Outras casas pagam apenas o piso da categoria e não pagam o repouso semanal, domingos e feriados. Esta é a situação dos trabalhadores garçons em Porto Alegre, e até agora somos ignorados pelas leis trabalhistas deste país.

O representante do Comitê Municipal afirmou: "Vamos caminhando juntos, no dia-a-dia, para que o nosso partido se fortaleça mais a mais. E que não seja apenas essa, mas surjam várias e várias organizações de base, cujos membros e dirigentes também procurem conscientizar outras pessoas. Para que juntos caminhemos rumo ao socialismo e tenhamos uma pátria livre, onde nosso povo terá pão, terra, trabalho e liberdade.

(Mário Carneiro dos Santos - Guarulhos - São Paulo).

1743-B-79, de autoria de Sérgio Ferrara, que regulamenta a profissão de garçon, piso salarial e aposentadoria aos 25 anos de serviço.

Em agosto do ano passado os garçons, através de audiências com lideranças políticas da bancada federal fizeram com que o projeto fosse desengavetado e viesse para a ordem do dia. Daí em diante estamos em contato permanente com Brasília acompanhando o andamento do projeto, porque o Sindicato da categoria não tem interesse na aprovação do mesmo, e se omite em qualquer atividade que beneficie os garçons.

Os garçons de Porto Alegre estiveram reunidos com a direção da CGT, onde foram buscar apoio. Foram bem recebidos e, com ajuda da central sindical, estão enviando telegramas às lideranças políticas em Brasília, para pressionarem os políticos a aprovarem o projeto.

Apelamos aos demais companheiros garçons de outras capitais que se unam, se mobilizem através de comissões, busquem apoio que precisamos, façam contatos com as lideranças políticas em Brasília, pois só assim podemos vencer esta árdua batalha. Vamos nos unir de norte a sul do país em prol da regulamentação da profissão de garçon. Não podemos nos dispersar, a união faz a força. (Comissão de garçons de Porto Alegre, Rio Grande do Sul).



fala o POVO

Uma carta de Arapoema, norte de Goiás, nos traz um raro exemplo de garra, coragem e espírito de luta. Maria das Dores, uma jovem de origem camponesa, cuja família dá duro pela sobrevivência na roça, luta também para enfrentar o dia-a-dia. Paralítica, mesmo sem o primário completo, ela foi capaz de escrever uma carta comentando o programa do PC do Brasil que ouviu no rádio.

E como se isso não bastasse, ela revela que está a par do que acontece no país e mesmo considerando que "não entende de política" foi capaz de se filiar a um partido e fazer propaganda dele. Mais ainda: sua carta evidencia que ela compreendeu os objetivos do partido, quais as principais metas do PC do B. E, junto com o partido, ela dá sua contribuição para que esse país conheça dias melhores, numa sociedade socialista, onde não haja exploração do homem pelo homem.

(Olívia Rangel)

II ENJESO reúne 285 secundaristas da Zona Oeste

Contando com a participação de 285 estudantes, representantes de 25 entidades estudantis e 22 municípios da Zona Oeste, o II ENJESO foi um sucesso em todos os sentidos. Os acertos superaram os erros e debilidades, recompensando o esforço das entidades secundaristas que, apesar de ainda disporem de pouca estrutura material e de se situarem em municípios pobres, deram um grande exemplo de organização.

Cabe ressaltar a valiosa contribuição das prefeituras municipais, com raras exceções, especialmente a ajuda da Prefeitura e da Comunidade arai-branquense; a contribuição da Paróquia do mesmo Município foi muito importante, assim como a de um grande número de outras entidades, personalidades, casas comerciais e a imprensa, que não se negaram a apoiar esta iniciativa dos estudantes secundaristas.

Aos poucos, através do ENJESO, vai-se formando no meio dos estudantes do Oeste a consciência de que os problemas que afetam a educação e a vida da maior parte da população não encontram todas as suas soluções nos limites dos Municípios. E, desta forma, os estudantes vão despertando para a necessidade de lutar por transformações reais no país.

Para que esta consciência se desenvolva no meio estudantil, no ENJESO é garantido a todos os estudantes, independente de cor, credo religioso e posição política, o direito à liberdade de opinião e de manifestação. Desta forma o Centro Estudantil Matogrossense e os demais centros cívicos do Oeste têm certeza que estão caminhando certo no rumo do futuro. (Assinam 7 grêmios e centros estudantis da região Oeste).

Lavradores de Barrinha derrotam pelego no sindicato

Dia 4 de abril os trabalhadores rurais da cidade de Barrinha, região de Ribeirão Preto, em eleição do Sindicato, deram uma demonstração de unidade e força. Depois de 9 anos encalacrada no Sindicato, a diretoria atrasada (liderada pelo pelego José Albertini) foi derrotada pelos trabalhadores rurais de Barrinha representados na combativa chapa 2 que assume em 28 de julho e já tem preparado um programa para organizar a categoria e fazer avançar a consciência e a luta dos trabalhadores rurais.

A vitória da chapa 2 foi muito expressiva, sendo que no total de 219 pessoas em condições de votar obteve 133 votos contra - 43 para os pelegos, 1 branco e 1 nulo. A composição da vitoriosa chapa 2 é a seguinte: Alcides Inácio B. Filho, Manoel Miguel da Silva, Odair Rosa de Araújo, Domingos Dias da Silva, Benedito D. Marcari, José Tiago da Silva, Gerson Caetano Praxedes, Benedito M. Silva, Maria Isabel Teixeira, Neide Araújo Souza e Yracema dos Santos. Participaram 2 e aos trabalhadores rurais de Barrinha. (Grêmios Barrinha - São Paulo).

Organização de base é o alicerce de nosso partido

Criou-se mais uma Organização de base do Partido Comunista do Brasil no Jardim Dona Luiza. Membros do Diretório Municipal de Guarulhos estiveram presentes e foi formado o secretariado da organização da qual participaram operários e donas de casa, filiados ao partido. Discutiu-se a importância da formação dessas estruturas que são a base nas escolas, moradias, fábricas etc. Um companheiro presente falou que aquela organização de base, não seria paralela à Sociedade Amigos, mas sim um conjunto de unidade para se trabalhar juntamente com o povo pelas suas reivindicações; o que seria mais uma semente plantada fruto da luta do povo. E que dali se poderia sair grandes lutas, em benefício da população. Ele destacou que a organização do partido seria um ponto de referência, um

local onde os moradores poderiam se reunir e discutir os problemas que atingem a população. Os presentes saudaram a luta que o partido vem travando, juntamente com o povo e suas reivindicações. Foram levantadas várias bandeiras de luta, sendo prioritária a luta por uma linha de ônibus, que saia de lá até o Parque D. Pedro. Já faz um ano que o povo vem lutando por essa linha de ônibus.

Falou-se da importância da participação do povo na Constituinte, e a importância de se eleger candidatos comprometidos com a luta do povo. Candidatos democratas, progressistas e patriotas.

Uma companheira falou: "Os nossos candidatos se elegendo, irão lutar juntamente com o povo e defender suas reivindicações".

Relatou-se também um

pouco da história do PC do B, e também da luta do nosso povo, para que seu verdadeiro partido fosse legal. Se deu prioridade à união dos moradores, nas questões mais específicas, como pelo melhoramento das ruas. Pois é lutando que se consegue grandes vitórias.

O representante do Comitê Municipal afirmou: "Vamos caminhando juntos, no dia-a-dia, para que o nosso partido se fortaleça mais a mais. E que não seja apenas essa, mas surjam várias e várias organizações de base, cujos membros e dirigentes também procurem conscientizar outras pessoas. Para que juntos caminhemos rumo ao socialismo e tenhamos uma pátria livre, onde nosso povo terá pão, terra, trabalho e liberdade.

(Mário Carneiro dos Santos - Guarulhos - São Paulo).

COMITÊ DE DOCUMENTAÇÃO E FUND. MAURÍCIO GARRA

"Escrava Isaura" inaugura tevê brasileira na Albânia

O intercâmbio cultural entre os povos é um meio eficaz para a sua aproximação, para a reafirmação dos laços de amizade e para um maior conhecimento recíproco. Embora ainda incipiente, vai-se iniciando uma frutífera troca de obras culturais entre Brasil e Albânia, sobretudo nos campos cinematográfico e televisivo. Recentemente a novela brasileira "A Escrava Isaura" foi apresentada num compacto de nove capítulos pela televisão albanesa. A obra foi também apreciada num artigo de Ylli Pepo, no semanário *Drita* (A luz), órgão da Liga dos Escritores e Artistas da Albânia, do qual publicamos os trechos a seguir:

Hoje os telespectadores verão o último capítulo do filme brasileiro "A Escrava Isaura". É um dos filmes em séries seguidos com interesse pelo nosso público, interesse despertado pelo conteúdo, a maneira atraente do tratamento do tema e especialmente pela maestria dos autores na caracterização, capítulo a capítulo, dos personagens, interpretados com realismo por um grupo de atores com responsabilidade profissional. "A Escrava Isaura" é um típico filme televisivo nas maneiras de construção do roteiro, onde o diálogo emocionante ocupa o lugar principal, bem como no estilo clássico da realização televisiva, onde a especificidade está no número limitado dos ambientes em que se desenvolvem muitos episódios e depois se distribuem quase proporcionalmente nos diversos capítulos.

É uma realização da estação de tevê "Rede Globo", a maior do Brasil e de toda a América Latina. A cinematografia brasileira enumera muitos nomes de mestres destacados do cinema. Na última década, no seu rastro, a televisão nesse país também cobrou um sensível desenvolvimento, aparecendo aí um gênero especial, a telenovela, que é amplamente produzido pelas televisões de todos os países da América Latina. Trata-se de filmes com muitos capítulos (habitualmente os capítulos são curtos, de 25 minutos, mas há também capítulos que duram 1 hora) baseados em conhecidas obras da literatura ou em roteiros originais nos quais se refletem os problemas do país, acontecimentos do passado histórico ou atuais.

Assim como a obra literária, a novela "A Escrava Isaura" é uma revolta contra o sistema desumano de escravidão que vigorou na América Latina até o final do século passado. Na aparência exterior os escravos não são aqueles do tempo de Spartacus. Estão vestidos e calçados. Mas o tratamento bestial e a opressão espiritual são iguais aos de 2 mil anos atrás. Os



A atuação da atriz Lucélia Santos foi destacada pelo crítico albanês Ylli Pepo

autores do filme, apoiados também no desempenho tão natural quanto cheio de sentimentos da atriz Lucélia Santos, que interpretou Isaura, insistiram na descrição dos puros sentimentos humanos desta, no amor e na compaixão pelas pessoas ao lado do ódio profundo e inconciliável aos exploradores que se encarnam na figura desprezível e cínica de Leôncio, interpretado com muito realismo pelo conhecido ator brasileiro Ruben de Falco.

O filme apresenta viva a atmosfera da época em que se desenrolam os acontecimentos. Tem diálogos belos e atraentes, mas acima de tudo tem uma caracterização artística de muitos personagens. Com os detalhes e os recursos artísticos utilizados eles se tornam muito amados ou muito odiados pelo espectador. Ao desempenho realista dos atores mencionados acrescentam-se os de Norma Blum (Malvina), Gilberto Martinho (Tobias), Edwin Luisi (Alvaro), que sob a direção de Herval Rosano criam um verdadeiro conjunto. Bela e profundamente nacional é

a trilha sonora. Culto e de nível profissional é o trabalho para a apresentação do filme em albanês, feito pela redatora de tevê Mira Blushi.

Seguramente, "A Escrava Isaura" tem limitações ideológicas que se observam sobretudo na descrição dos "bons" proprietários, assim como nos momentos sentimentais que são acentuados na marcha do tema. Certamente nossos espectadores sabem julgar e compreender por que isto ocorre numa obra televisiva que, na essência, é realista.

Nossa tevê continuará, durante 1986, a apresentar as adaptações de obras conhecidas de diversos escritores do mundo. Ao lado do tema histórico, ocupará um lugar mais amplo o tema de atualidade, como ocorreu durante o mês de dezembro do ano passado quando, enquanto estava sendo apresentado o seriado "A Escrava Isaura", foi aberto um ciclo de filmes progressistas sobre os problemas sociais de atualidade.

(Ylli Pepo).



As comunidades indígenas de Sete Povos das Missões são retratadas na peça

Ayuca Carayba, a dignidade e a luta dos índios

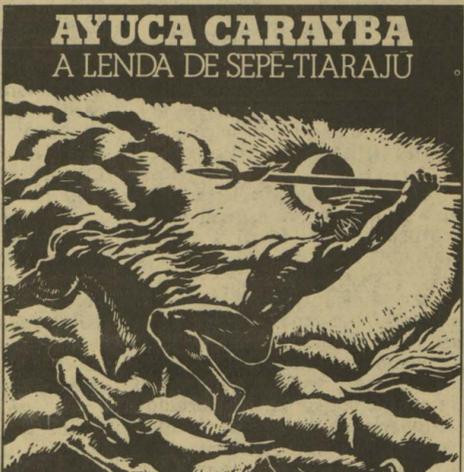
A saga dos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul, ocorrida em 1750, é o tema da peça *Morte aos Brancos - Ayuca Carayba, a lenda de Sepé-Tiarajú*, de Cesar Vieira, que o grupo Teatro União e Olho Vivo vem apresentando em São Paulo.

Morte aos Brancos mostra a justiça de classe. Como os colonizadores portugueses e espanhóis esmagavam, a ferro e fogo, toda e qualquer tentativa dos indígenas desenvolverem livremente sua comunidade e sua cultura. No dizer da jornalista Luísa Berroto Leite, "O texto é todo ele um hino de amor ao próximo, um cântico de alegria à solidariedade. Certos momentos queimam como fogo, outros nos enlevam a voar em asas de pássaros de penas de esperança. É um lirismo realista, poesia de pés no chão. A estrutura do espetáculo, calcado num julgamento real, ocorrido em outubro de 1759, é reforçada pela vivência de César como advogado de presos políticos e afeito a esse tipo de justiça".

Na "República Guarani-Jesuítica das Missões" não existia dinheiro, só tinha acesso à comida as pessoas que trabalhavam. Uma situação insustentável para os colonizadores, que pretendiam explorar os povos indígenas, se apropriar de suas terras, e não poderiam admitir aquele exemplo de vida harmônica perto de seus domínios.

RESISTÊNCIA CULTURAL

Quando César Vieira e alguns elementos do grupo de teatro foram detidos pelos agentes do regime militar em maio de 1973 (época em que o autor realizava pesquisas para escrever a obra), os policiais levaram apreendidos dados sobre a "Guerra das Missões" e recusaram-se a aceitar, nos interrogatórios, que essa luta tinha ocorrido em 1750...



O grupo de Teatro União e Olho Vivo surgiu em 1969, nos porões do Centro Acadêmico XI de Agosto, órgão dos alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Já montou espetáculos como "Rei Momo", "Bumba, meu queixada", apresentados principalmente na periferia de São Paulo, alcançando mais de 1 milhão e 500 mil espectadores em 2 mil encenações, inclusive na Europa e América Central.

O grupo é integrado por bancários, operários, profissionais liberais, estudantes. Alguns não podem sequer informar na empresa em que trabalham que atuam também no teatro, sob pena de sofrer represálias dos patrões, sempre avessos à arte popular e democrática.

Atualmente o Teatro União e Olho Vivo conta com uma Casa de Cultura, no Bom Retiro, onde ministra cursos de capoeira, bumba meu boi, violão, desenho, teatro, folclore latino-americano etc.. A Casa de Cultura fica na Rua Newton Prado, 766, telefone 220-1001.

LIVROS - REVISTAS - POSTERS - POSTAIS - DISCOS - CAMISETAS - EXPOSIÇÕES - Livros em 3 vezes sem acréscimo

ARTE PAU BRASIL
ESPAÇO ALTERNATIVO
RUA VERGUEIRO, 923 - PARAÍSO - SP
(FRENTE AO CENTRO CULTURAL SP)
Fone: 279-0147 - CEP 01504
SEG. A SAB. 10 AS 23 HS.
DOM. 16 AS 23 HS.

Eventos culturais, shows, lançamentos, etc
ARTE VIDA
Produções Artísticas Ltda.
Av. Brigadeiro Luiz Antônio,
1511 - Bela Vista - 01317
(011) 251.2729

Estude e divulgue o marxismo-leninismo

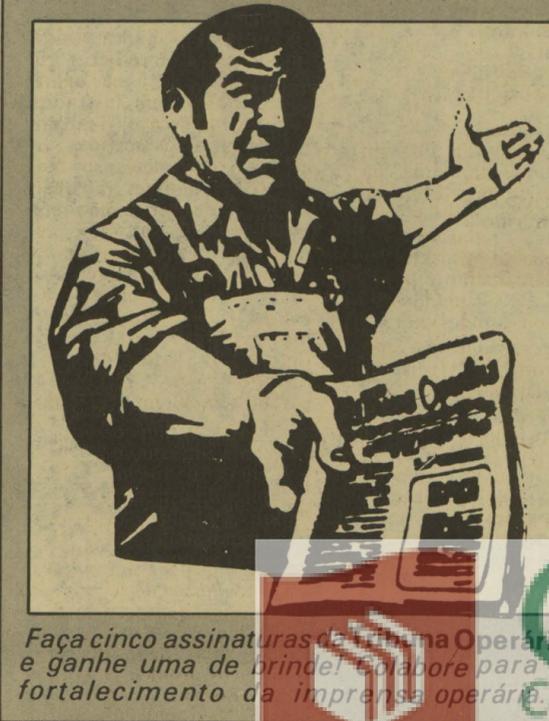
MARX E ENGELS	
Obras escolhidas em 3 volumes (cada volume)	Cz\$ 90,00
Manifesto Comunista	12,00
A Comuna de Paris	20,00
Escritos Militares (Marx, Engels, Lênin)	53,00
MARX	
Origem do Capital	35,00
Salário, Preço e Lucro	15,00
Trabalho assalariado e capital	12,00
Miséria da Filosofia	60,00
JOÃO AMAZONAS	
O revisionismo chinês de Mao Tsetung	10,00
O trotsquismo, corrente política contra-revolucionária	2,00
Socialismo, ideal da classe operária	20,00
ENVER HOXHA	
A luta contra o revisionismo soviético	25,00
Albânia, 40 anos desbravando a história	10,00
Discurso aos eleitores	5,00
Relatório ao 8º Congresso	10,00
Pedidos à Editora Anita Garibaldi, com o envio de cheque nominal no valor da compra. Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1511, CEP 01317, fone 251.2729, São Paulo - SP. Vale Postal ou Reembolso Postal para pedidos acima de Cz\$ 50,00.	

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318
Telefone: 36-7531 (DDD 011)
Telex: 01132133 TLOBR
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rang, Ruy de Azevedo
ACRE - Rio Branco: Edifício Felício Abrahão 2º andar sala 32 - CEP 69900
ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000
AMAZONAS - Manaus: Rua Simão Bolívar, 231, (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 14139 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone: 237-6644 - CEP 69000
BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. Feira de Santana: Av. Senhor dos Passos, nº 1399 - 2º andar - sala 1415 - CEP 44100
ITABUNA: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar sala 1 - Centro - CEP 45600. Itapetininga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro: Rua América Alves, 6-A - CEP 44060. Paratinga: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47500. Salvador: Rua Conselheiro Junqueira Ayres, 41 - Barris - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (pré-dio da antiga Cimesf) - CEP 43700
DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302
CEARÁ - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000. Iguatu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 63500. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100
ESPIRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo

Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000
GOIÁS - Goiânia: Rua 3, N.º 380, casa 6 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 77100
MARANHÃO - São Luís: Rua do Egito, 76 - Centro - CEP 65000
MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000
MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: Rua Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100
MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000
PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000
PARAÍBA - João Pessoa: Praça 1817, nº 116, 2º andar - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Praça da Bandeira, 117, 1º andar - Centro - CEP 58100
PARANÁ - Curitiba: Rua Comendador Fontana, 88, Fone: 253-7805 - CEP 80000
Londrina: Rua Serepepe, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100
PIAUÍ - Teresina: Rua Barroso, 144-N, 1º andar, sala 4 - CEP 64000
PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigiário Batista, 236, CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua do Sossego, 221, Boa Vista - CEP 50000
RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Deodoro, 776 - Cidade Alta - R.N. CEP 59000
RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua dos Andrades, 1204, 3º andar, sala 3 - CEP 90000. Bento Gonçalves: Rua Dr. Casagrande, 58 - CEP 95700. Camapuã: Rua Tiradentes, 130 045 - CEP 92010. Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2048 - CEP 95100

Pelotas: Rua Andréa Neves 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Filipes da Cunha, 1235, sala 20 aberto depois das 18 horas aos sábados das 9 às 12 horas. Santa Maria: Rua Dr. Biazotto, 447, sala 418 - Centro - CEP 97100. Rio Grande: Rua Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200. Ijuí: Rua 15 de Novembro, Edifício Nelson Luchese, s. 23, 2º andar.
RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Favarista da Veiga, 16, sala 504 - CEP 20000. Niterói: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nomes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedroso, 33, sala 319 - CEP 26000
SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000
SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saravira, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Aselar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ottoni Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaca, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200
SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Ovídio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000



Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições) Cz\$ 260,00
 Anual popular (52 edições) Cz\$ 130,00
 Semestral (26 edições) Cz\$ 130,00
 Semestral popular (26 edições) Cz\$ 65,00
 Trimestral (13 edições) Cz\$ 33,00
 Anual para o exterior (dólares) US\$ 70

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade: CEP:

Estado:

Profissão:

Data:

CDM
Endereço a cartão com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318
Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Brasileiro conta o que viu nos cárceres sionistas onde sua irmã está presa:

“Em Israel não tem lei”

Taicir Maruf Hasan, irmão da brasileira Lamia, presa há mais de dois meses em Israel, retornou ao Brasil dia 13 e relatou à *Tribuna Operária* o que viu na Palestina. Taicir, 32 anos, engenheiro civil, ficou impressionado com o terror praticado pelos sionistas contra os palestinos. “Lá não tem lei para os árabes”, diz ele.

Lamia e seu marido Tawfick Mohamed Abdala são suspeitos da morte de um soldado israelense em 1984. Os dois foram presos arbitrariamente em março deste ano na aldeia de Deir Ballut, próximo a Nablus. Depois de um mês de espera conseguiu falar com sua irmã e seu cunhado. Tawfick sofreu bárbaras torturas.

As ações praticadas pelos israelenses lembra muito ao nazismo. No dia 26 de maio um tribunal decidirá se a casa onde Lamia morava será dinamitada ou não. Esta é uma prática comum contra os palestinos. As tropas chegam e dão duas horas de prazo para a família desocupar a casa e depois a explodem.

TO: Foi difícil você se encontrar com a sua irmã na prisão?

Taicir: Saí daqui com o deputado Airton Soares e não foi fácil conseguirmos visitá-la. Mais tarde o Airton conseguiu falar com ela mas eu não podia. Adiei minha viagem de volta por três semanas e só depois de um mês de tentativa consegui encontrar-me com ela na prisão durante meia hora.

TO: Como você a encontrou?

Taicir: Nos primeiros 20 dias de prisão ela sofreu bastante. Foi jogada em lugares bem úmidos e sujos nas várias prisões que ela passou. Ela me disse que conviveu com ratos e com baratas. Fizeram tudo para deixá-la arrasada. Fisicamente ela não foi agredida por ser brasileira, mas sua colega que foi presa junto com ela foi torturada.

TO: Como não tem nenhuma acusação formal contra ela, existe uma data para sua libertação?

Taicir: Não sabemos porque as autoridades não fizeram o formulário de acusação e ninguém sabe de nada porque lá não existe lei para os árabes. Em terra ocupada não existe lei. Cada soldado faz a lei dele.

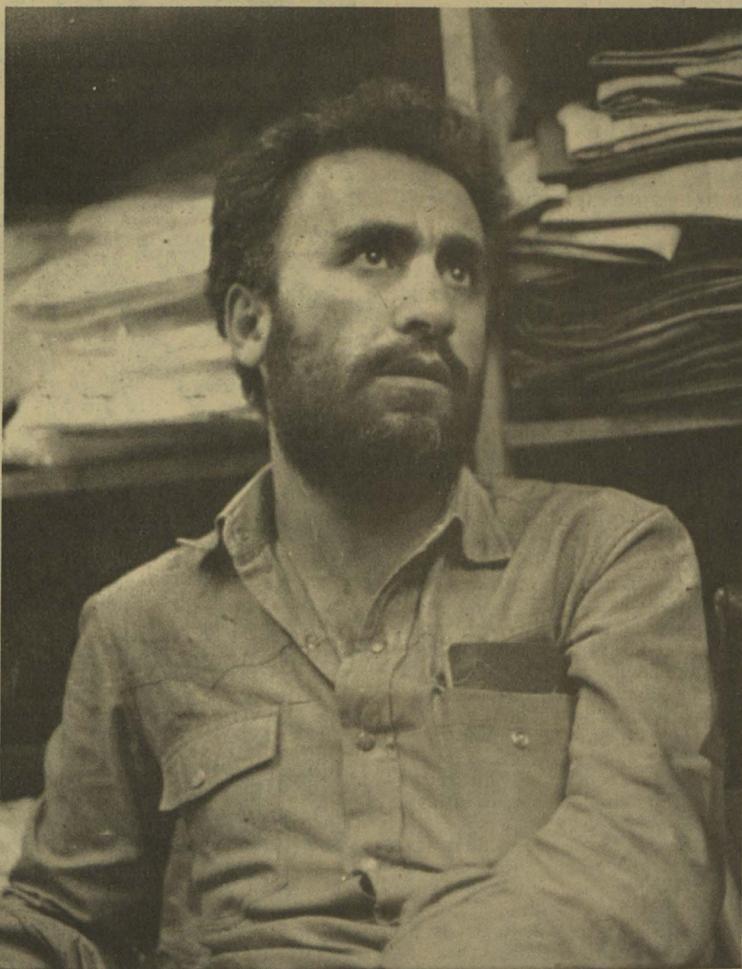


Foto: Airton S. Leite

Taicir: “Lá não existe lei para os árabes. Cada soldado faz a lei dele”

deixarem marcas das torturas. Tendo uma marca qualquer eles não deixam ninguém visitá-los antes que desapareça tudo.

TO: Existe alguma prova contra sua irmã?

Taicir: Não, contra ela não há nada. Mas mesmo em relação aos que mataram o soldado isto não pode ser considerado apenas como um assassinato comum. Lá é uma terra ocupada pelos israelenses. O símbolo da ocupação não é o exército? Não é o soldado? Quando a França estava ocupada, durante a segunda guerra mundial, matar um soldado nazista era um fato heróico. Será que a pessoa que matava, tinha alguma coisa contra o soldado em si, como ser humano? Não, porque matava uma pessoa que nem conhecia. Talvez uma pessoa boa, talvez uma pessoa ruim. Mas o que eles matavam era um símbolo da ocupação. O povo palestino já não está suportando mais a ocupação. É uma coisa incrível. Não sei como eles estão conseguindo viver nesta situação. Eu acredito que se você estivesse lá ou qualquer um de nós, a gente faria a mesma coisa, porque a situação obriga você a fazer alguma coisa contra isto.

TO: Você notou na população uma grande revolta contra esta situação?

Taicir: Exatamente. Porque você lê nos jornais 20 a 30 condenações por dia. Tem crianças com 12, 13 anos que são condenadas até por três anos de prisão. A criança pega uma pedra e joga no exército. Então eles pegam esta criança e deixam presa seis, oito meses sem a família saber onde ela está.

TO: Foi fácil o deputado Airton Soares entrar em contato com sua irmã?

Taicir: Não, não foi fácil. No último caso ele ameaçou ir atrás do primeiro-ministro. Ai ele conseguiu. Eles não queriam que ele visitasse a Lamia antes que a advogada a tivesse visitado. Ai eles deixaram a advogada visitá-la e no outro dia permitiram que o Airton a visitasse.

TO: Você fez várias tentativas para visitar Lamia. O que as autoridades diziam?

Taicir: Sempre diziam que não podia visitar porque não havia terminado a

investigação. Tentei inclusive junto à Cruz Vermelha. Na sexta-feira me disseram que poderia visitá-la, mas ai me disseram que tinha sido transferida a data da visita. Insisti bastante diante da prisão até que deixaram entrar. Visitei ela por meia hora.

TO: E ela está com saudades da família?

Taicir: Ela já sabe que sua filhinha veio para o Brasil e está em boas mãos com meus pais e ela me disse para cuidar bem da filha. Ela não sabe quando vai sair e está muito preocupada porque não sabe escrever em árabe, só sabe falar um pouco e todas as declarações que assinou estavam escritas em árabe e hebraico. E hebraico ela também não entende. Ela está preocupada porque algumas coisas ela assinou outras não e agora ela está querendo que as declarações que ela assina venham escritas em português.

“Soldados saem pelas ruas com dedo no gatilho”

TO: Quantos da sua família estão presos?

Taicir: Tem a Lamia, seu marido Tawfick, tem um outro cunhado, marido de outra irmã minha, um primo e a cunhada dele. São cinco ao todo. Agora, junto com a Lamia tem uma outra pessoa da mesma cidade onde ela mora e mais uma médica.

TO: Você andou por lá e notou uma

O terror nas prisões israelenses

“Não importa matar cem civis, se com isso atingimos um só guerrilheiro” - com esta declaração do ex-primeiro ministro Menahem Begin, fica evidente qual o espírito imperante nas prisões de Israel. Além de torturas indescritíveis, mesmo os prisioneiros já com situação definida - depois de superada a fase de interrogatórios - não têm os mínimos direitos respeitados.

Em agosto de 1985 as prisioneiras palestinas do presídio feminino de Neve Tritsa realizaram uma greve de fome reivindicando: separação das presas comuns (ladras, assassinas, prostitutas) - direito assegurado a presos políticos internacionalmente -, acesso a livros, revistas, jornais, permissão para escutar rádio. Neste mesmo período os presos palestinos do presídio de Mascóbio, em Jerusalém exigiam coisas semelhantes, além de autorização para praticar esportes. O clima reinante é portanto de absoluto confinamento. Sem falar que são péssimas as condições de alimentação e assistência à saúde.

TORTURA TODOS OS DIAS

No Congresso de Mulheres Palestinas realizado em Ramallah, na área ocupada por Israel, a mãe de Salmah Ali, uma das prisioneiras de Neve Tritsa, declarou: “Nossas filhas caminham para a morte. As torturas se repetem todos os dias. Os médicos são proibidos de atendê-las. Lançam diariamente bombas de gás no interior da prisão, fazendo disto um grande perigo para suas vidas”. Laila Alkateeb, acrescentou: “Minha filha, presa em Ramallah, vem sendo vítima de violência. Segundo seu advogado, está com o rosto, o pescoço e a garganta queimados devido à explosão de uma

bomba de gás sobre seu corpo”.

A Cruz Vermelha Internacional confirmou que as autoridades israelenses recorrem ao uso de entorpecentes e preparados químicos para obterem confissões dos prisioneiros políticos. Nathan Yalin-Mor, um dos dirigentes do antigo grupo Stern (grupo armado terrorista que participou da formação do Estado de Israel) declarou ao jornal francês “Nouvel Observateur”: “Contrariamente a muitos israelenses, não aceito cegamente todas as decisões do meu governo. Em nossa terra passam-se coisas que não posso admitir, justamente porque se trata de meu país. A tortura em Israel e nos territórios ocupados tornou-se uma prática freqüente. Sofro muito com isso”.

APRENDIZES DOS NAZISTAS

Nos territórios invadidos por Israel a situação é ainda mais dramática. A violência ultrapassa todos os limites. As tropas de choque hitlerista teriam muito a aprender com a barbaridade dos sionistas. Uma testemunha ocular, que esteve dois dias em Safa, próximo a Siden, no sul do Líbano, por ocasião da chamada “operação punho de ferro”, em 1985, fez este relato impressionante: “Centenas de pessoas, de todas as idades, foram algemadas, olhos vendados, pernas acorrentadas, deitadas no mesmo lugar onde haviam sido jogadas no chão. Muitos destes estavam de pijama. Alguns foram retirados do hospital, um dos quais em gritos angustiantes. Sofrendo terríveis dores, tentava dizer aos soldados que estava aguardando ser operado quando foi removido do hospital. Seus gritos de repente silenciaram quando um soldado barbudo aplicou-lhe um pontapé no estômago com sua pesada bota”.

Torturas cruéis são aplicadas aos suspeitos

TO: Ela ainda está na prisão de Nablus?

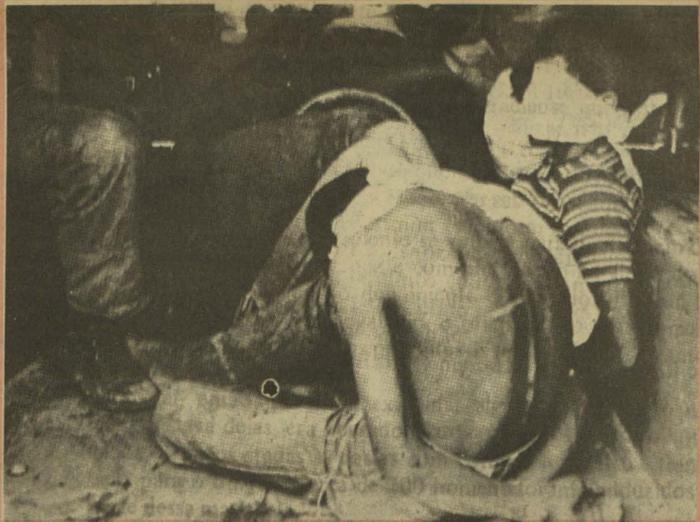
Taicir: Não, Lamia está na prisão da cidade de Haifa. Ela foi presa na aldeia de Deir Ballut, na província de Nablus. As autoridades a chamaram para fazer uma visita para o marido, mas quando ela chegou no carro eles vendaram seus olhos e a levaram presa.

TO: E Tawfick, seu cunhado, ainda está preso?

Taicir: Sim, eu também visitei-o na prisão.

TO: Ele foi torturado?

Taicir: Foi bastante torturado, inclusive meu outro cunhado que também está preso. Sofreram todo tipo de tortura. Bateram neles em todas as partes do corpo. Fizeram queimaduras de cigarro em seus corpos. Obrigaram eles a tomarem seis litros de água, depois amarraram a boca e pisaram em cima da barriga e do estômago, dando pontapés para todos os lados. Colocavam três, quatro sacos na cabeça até sufocá-los, deixando-os pingando água gelada na suas cabeças. Ficaram pendurados de cabeça para baixo, sem poderem se movimentar. Outras vezes tinham que ficar equilibrando numa perna só durante três a quatro horas. Também puseram eles no “pau de arara”. São muitas coisas. Precisa ver as coisas que eles fazem contra os prisioneiros. É incrível. Eles fazem de tudo para não



Israel não respeita os mínimos direitos dos prisioneiros

grande presença militar nas ruas?

Taicir: Você anda pelas ruas e vê os soldados com o dedo no gatilho. Eles colocam jovens irresponsáveis de 18, 19 anos, que estão prestando o serviço militar e pegam qualquer um na rua e

fazem o que querem com ele. São jovens sem nenhuma responsabilidade soltos na rua com armas na mão e fazem o que quiserem. Se eles mandam você fazer alguma coisa e você não faz, leva tapa por todo lado.



OPINIÃO

Brasil não pode se omitir

O governo brasileiro tem o dever de interferir para proteger os cidadãos brasileiros ameaçados em outros países. No caso de Lamia, presa e submetida a condições injustificáveis - e sem ao menos qualquer acusação consistente - pouco foi feito até o momento. De concreto, por interferência da vice-consul, a prisioneira foi transferida da prisão comum, onde inclusive as presas tentaram enforcá-la.

Não basta neste caso promessas vagas e tímidas. Diante de um

governo terrorista como o de Israel urge medidas enérgicas e pressões para a imediata libertação de Lamia e seu retorno ao Brasil.

Depois de abrigar injustificavelmente o torturador Albert Pierre, chefe dos *Tonton Macoute* do Haiti, e de desconhecer as normas do asilo político entregando Mário Fiermich à polícia argentina, o Brasil não pode alegar nenhum motivo que justifique qualquer omissão no caso de Lamia.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Qualquer palestino é suspeito aos olhos do exército israelense, que usa da violência e humilhações durante os interrogatórios